O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 9 DE JUNHO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:698

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Asylo José Estevam. A verdade historica.—Mistificações.—Comparem.—Degradante.—Caminho de ferro do Valle do Vouga.—Subscripção entregue.—Noticiario.—Rede de caminhos de ferro.—Transcripção.—Sessões parlamentares.—Secção litteraria, Morreu o Papa, *por Nemo*.—Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

AZYLO DE JOSÉ ESTEVAM

Reuniu no domingo passado no edificio do Azylo de José Estevam a assembleia geral dos seus subscriptores, para discutir a proposta apresentada pelo sr. Fernando de Vilhena em sessão da Commissão Administrativa de 11 de maio findo, e relativa á fusão do Azylo de José Estevam com o Azylo-Escóla d'artes e officios, creado pela Junta Geral d'este districto. Achavam-se presentes 60 subscriptores, e por tanto estava legalmente constituida a assembleia. Eleito por acclamação presidente da assembleia geral o nosso presado amigo o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, na ausencia do presidente e vice-presidente effectivos, foi lida a proposta, que havia dado motivo á reunião, e pediu em seguida a palavra o seu apresentante o sr. Fernando de Vilhena.

Este nosso collega expoz a largos traços a situação do Azylo de José Estevam e os serviços prestados a este instituto de caridade pela Direcção transacta, dizendo, que ella havia sido a unica administração que tinha tomado a sério os interesses do Azylo e que seria difficil relatar todos os melhoramentos por ella introduzidos e os esforços sobrehumanos empregados pelo seu illustre presidente o venerando conego-arcypreste sr. José Candido Gomes d'Oliveira Vidal. Referindo-se á caridade publica, para a qual ouvira dizer que era conveniente appellar, o sr. Fernando de Vilhena disse que era de todos conhecido, que o sr. conego José Candido, o mais desvelado protector da infancia recolhida no Azylo de José Estevam, e o vulto mais notavel de entre todos os que emprehenderam a nobre campanha de philantropia em favor d'aquella casa, havia com a influencia do seu nome, querido por todos e por todos justamente apreciado, recorrido á caridade para manter á devida altura o Azylo de José Estevam, e que nem a aureola de sympathias que cerca a sua distincta personalidade havia conseguido accordar a caridade publica. Que este facto não queria dizer que não fosse expontaneo e profundo este sentimento no coração de todos os filhos d'esta terra, mas significava apenas que a philantropia estava cançada para muito tempo, e que ella se achava onerada com successivos e repetidos encargos. Que era por isso missão ingloria fazer depender da caridade a subsistencia do Azylo de José Estevam, a mais humanitaria e mais util de todas as instituições da nossa terra, quando cuidada e administrada por almas tão generosas e tão grandes como a do sr. conego José Candido. Que elle havia sido adversario intransigente do azylo, na epoca em que as suas Direcções entendiam dever cumprir as disposições dos estatutos, que mandam lançar aos braços da *adversidade* as creanças de 12 annos. Mas que o seu espirito havia passado por uma completa transformação, desde que chegou ao seu conhecimento que o illustre presidente da Direcção transacta constituira entre as mais distinctas damas d'Aveiro uma commissão de protecção, a quem eram confiadas as creanças que sahiam do azylo em virtude da disposição da lei fundamental d'aquella casa. Que essa medida era mais uma prova de que a Direcção transacta e principalmente o seu presidente eram insubstituiveis, apesar dos esforços que elle, orador, e os seus collegas faziam para, ao menos, lhes seguirem a derrota. Que n'estas condições entendia dever chamar para a sua proposta a attenção da assembleia, pois que, depois de retiradas do seu orçamento as verbas de receita constituidas pelas quotas da junta geral, das camaras, confrarias e irmandades do districto, que a pedido do sr. conego José Candido o sr. governador civil fizera incluir nos orçamentos d'estas corporações, a receita do azylo ficava reduzida a 558$000 reis e que com esta quantia seria impossivel sustentar as 22 azyladas que hoje se acham a cargo da administração do Azylo.

O sr. Carlos Guimarães levantou-se para fazer protestos, e declarou que não queria a fusão em caso algum, por isso que não queria que desapparecesse d'aquella casa o nome de José Estevam, e que os rendimentos do azylo passassem ás mãos do Estado. Respondeu-lhe o sr. Fernando de Vilhena dizendo que era elle o primeiro a venerar a memoria do homem illustre e do cidadão benemerito, que empregou em defeza da liberdade a sua palavra e a sua espada, e poz ao serviço da sua terra o mais ardente e o mais patriotico esforço da sua influencia. Que na vanguarda dos admiradores de José Estevam estava elle, que havia commettido a audacia de propôr o nome do grande tribuno para o Theatro Aveirense e vira com espanto que os antigos correligionarios de José Estevam votavam contra a sua proposta, negando assim ao vulto grandioso uma honrosa, mas justa commemoração. Que n'uma assembleia constituida pelo antigo grupo de José Estevam o seu voto fôra a unica manifestação de respeito pela memoria do tribuno, e que se vira só e agredido pelos que em vida aproveitaram de José Estevam toda a influencia do seu nome em beneficio dos proprios interesses. Podia pois fallar desassombradamente e dizer—sem receio de tomarem a sua declaração como instrumento da politica facciosa—que fazia do nome de José Estevam questão capital, principio fundamental da sua proposta. Que uma das suas condições era que o nome de José Estevam continuasse á frente d'aquella casa, pois não consentiria nunca que Aveiro fizesse passar a memoria do grande tribuno pela humilhação a que os seus antigos amigos a sugeitaram na questão do Theatro Aveirense. Que não era para o Estado que os fundos do azylo passariam, mas para a simples administração da junta geral, onde todos os homens tem accesso, pela rotação normal e constitucional dos partidos.

Fallaram ainda alguns subscriptores em favor da proposta e foi por fim approvada por 56 votos contra 4 a seguinte proposta do sr. João Bernardo Ribeiro Junior, com o additamento da 5.ª condição apresentado pelo sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena, e que o sr. Fernando de Vilhena acceitou como modificação e addicionamento á sua:

Considerando que o Azylo de José Estevam para a infancia desvalida do districto d'Aveiro não póde corresponder ao nobilissimo pensamento dos seus instituidores, pela manifesta exiguidade de recursos financeiros de que dispõe, visto que a fundação do Azylo-Escola d'artes e officios vae, por lei, cercear-lhe a receita, creada generosa e philantropicamente pelo ex.mo Governador do Districto, e sem a qual o Azylo de José Estevam não póde subsistir condignamente; proponho:

Que a Assembleia geral dos subscriptores do Azylo de José Estevam, reunida extraordinariamente a fim de deliberar sobre a proposta do sr. Fernando de Vilhena para a fusão d'este Azylo com o Azylo-Escola da Junta Geral do Districto, approve e resolva para todos os effeitos legaes essa fusão, e conceda plenos poderes á Commissão Administrativa do Azylo de José Estevam para celebrar a referida fusão, independentemente de nova reunião da Assembleia geral, nas condições que mais convenientes parecerem á mesma Commissão Administrativa e, além das que fazem parte do plano de organisação do Azylo-Escola, approvado pela Junta Geral na sua ultima reunião ordinaria, mais nas seguintes bases geraes:

1.º—Que fiquem completamente garantidos e salvaguardados os compromissos do Azylo de José Estevam, e que a Junta Geral garanta ao pessoal docente e de regencia do mesmo Azylo os ordenados que percebem actualmente e a qualidade de vitalicios;

2.ª—Que a secção femenina do Asylo-Escola d'artes e officios, creado pela Junta Geral do districto de Aveiro continue funccionando sob a designação de—SECÇÃO JOSÉ ESTEVÃO e a secção masculina sob a designação de—SECÇÃO BARBOSA DE MAGALHÃES;

3.ª—Que na salla nobre do edificio onde se alojar a secção femenina, seja collocado no logar d'honra o retrato do benemerito cidadão José Estevão Coelho de Magalhães, que se acha actualmente na salla das sessões d'esta secção, bem como os dos restantes bemfeitores d'este instituto;

4.ª—Que os menores d'ambos os sexos, recolhidos no Asylo de José Estevão ao tempo em que se realisar a fusão, sejam recebidos nas duas secções do Asylo-Escola com os mesmos direitos, vantagens e regalias concedidos aos menores que houverem de ser recolhidos pela Junta Geral ou pela sua Commissão Executiva no Asylo-Escola d'artes e officios;

5.ª—Que, se por qualquer eventualidade desapparecer ou se extinguir o Asylo-Escola d'artes e officios, a Junta Geral será obrigada a restituir ao asylo—SECÇÃO JOSÉ ESTEVÃO todos os bens moveis, immoveis, havendo-os, e capitaes que forem entregues á Commissão districtal da Junta Geral pela Commissão Administrativa ou por quem legalmente superintender na administração do asylo José Estevão ao tempo da fusão, bem como todos os legados que ainda posteriormente á fusão foram feitos a beneficio do asylo José Estevão.

Foi, pois, votada a fusão do Azylo de José Estevam com o Azylo-Escóla d'artes e officios e em condições vantajosissimas para a primeira d'estas instituições. A larga educação que o Azylo Escóla faculta aos menores d'ambos os sexos e que o Azylo de José Estevam não póde em tempo algum facultar, é só por si uma vantagem de tal ordem, que dispensa mais considerações.

A VERDADE HISTORICA

Demonstramos já, que na representação que ahi se fez contra as irmãs hospitaleiras admittidas no nosso hospital civil, não entrou idéa alguma de desagravo á memoria de José Estevam, e que o nome do grande cidadão serve apenas de pretexto a manifestações, que não poderiam fazer-se impunemente senão sob aquella egide. E' como que a bandeira d'uma nação, fluctuando na ré de navio negreiro. Para os cruzeiros que apenas a avistam illude ás vezes, mas se a desconfiança lhe metter a bordo a visita fiscal, lá lhe encontram a carregação prohibida.

Porque é esta raiva em uns, associada aos propositos libertecidas de outros que recebem de Lisboa a senha e o santo? Se a politica é para estes o mobil, ou seja por especulação ou por convicção, e se para outros actua a ignorancia, não descernindo o bom do máo, e importando-lhes pouco que as cousas corram para baixo, ou tomem outra direcção; que *quid* occulto existe para a porção que vive das suas agencias interesseiras e não costuma dar ponto sem nó?

Não dá que scismar o caso para os que conhecem o scenario e os actores. E já que provocam irreflectidamente os que se empenhavam em sonegar certas podridões á publicidade, em que nos peze, vemo-nos forçados a trazel-as por meio de um vesicatorio energico á supuração.

Sobre a meza dissolvida não recae a nosso ver a responsabilidade legal das falsificações, que se fizeram na inscripção dos irmãos da santa caza, facto este a que em tempo por vezes nos referimos, porque é anterior á sua eleição, que foi todavia o producto d'aquelle meio. Esta é a verdade, que convém registar para bem da historia. Fez-se uma remonta de irmãos novos, abrindo vagas na irmandade, que se prehencheram em gente segura, e dando-se para isso como fallecidos individuos que felizmente para elles e para as familias ainda hoje passeiam por essas ruas!

Mas para que foi este *tour de force* da alicantina e do impudor? Sabem para o quê? Por causa do fornecimento dos generos que diariamente se consomem n'aquella casa hospitalar. Ponhamos pois os pontos nos ii, que com o fazer-se historia verdadeira lucram todos.

Na intrancia da mesa eleita com o auxilio da remonta, deram-se os fornecimentos de arrematação; mas logo depois cahiu isso em desuso, e havia já dois annos quando em julho entrou a nova administração que tão boas praticas tinham sido abandonadas. Os fornecedores eram tambem mezarios sem o aparato da licitação publica. Era isto mais commodo e muito mais comesinho. O enfermeiro punha e dispunha do que era do hospital, e para isso tinha de fazer a bocca doce aos fornecedores-mezarios, visto que d'outro modo podiam emperrar as molas e não girar convenientemente o machinismo.

Quando a nova administração tomou couta do cargo, um dos vogaes da mesa dissolvida disse em confidencia ao provedor: «O enfermeiro tem dois porcos, que ceva por conta da casa, e que elle vende de conta propria. Ponha cobro a este escandalo.» A isto responden o provedor:—Pois v., que está cá ha quatro annos, não acabou com semelhante abuso, e vem dizer-me isso para eu providenciar, logo no começo da minha administração?—«Foi, objectou o ex-mezario, porque nas reuniões da meza tenho sempre ficado vencido! Ha muito quem proteja o enfermeiro, mesmo muito...»

Ora os porcos lá estavam n'um chiqueiro junto do hospital. Fóco de insalubridade, a meza não se importava com isso. Se alguem protestava em sessão, fazia a maioria ouvidos de mercador. O enfermeiro satisfazia as vontades dos fornecedores, e estes eram complacentes com tão bom freguez.

Um dos primeiros actos da nova administração foi pôr fóra os porcos, o enfermeiro teve de vendel-os, e a casa deixou de concorrer para a engorda do bolsinho particular d'aquelle empregado, que se assim fraudava o estabelecimento era porque lh'o consentiam. Elle tirava do negocio grossa maquia por anno, não dispendendo um ceitil com a alimentação do gado suino, que vendia depois de gordo por bom dinheiro.

Mais: o fornecimento das gallinhas era pitança do enfermeiro. Comprava-as ainda frangas por baixo preço, engordava-as á custa da casa, e o lucro arrecadava-o elle, que era finorio e dos que não querem estar mal nem com Deus nem com o diabo. E depois, á proporção das requisições formuladas pelo assistente, fornecia á caza as gallinhas que ella sustentava, e isto por o dinheiro que lhe parecia. Entre 450 e 500 reis oscilava o custo por cabeça. A's vezes permittia-se um excesso de generosidade, cedia-as ao hospital por... 40 reis, numeros redondos. Um ovo por um real. Era para não escangalhar. Sabia ser financeiro o bom homem.

Nas despezas da acquisição de artigos que não pódem ser dados de arrematação, fazia elle optima colheita. Em tubos e torcidas para os candieiros era mesmo uma barra. Só n'um mez salgou tanto a conta, que o respectivo mezario disse-lhe com feio aspecto:—Ohe lá, para a outra vez tenha mais cuidado com os tubos.»

Tudo isto custava mensalmente entre 18$00 e 20$000 réis.

O provedor corrente com os negocios de casa encarregou no segundo mez o escrario da compra das gallinhas e fiscalisar os tubos, recommendando que de futuro houvesse mais cautella com elles. Mandou fornecer directamente o pão de milho para o hospital e foi assim coarctando o arbitrio do enfermeiro. E a despeza desceu a ponto do homem entender que devia pedir a sua demissão. E, notavel coincidencia, de então para cá tem descido a despeza feita com as chamadas dietas variadas, adiando-se actualmente em menos de metade.

Como fosse videira e achasse pouco todas estas ganancias, o enfermeiro negociava tambem em cautellas, sustentando por conta do hospital um rapaz que andava por essas ruas a impingil-as ao publico. Tudo era lucro, e despeza nenhuma. Os jogadores garantiam as percentagens dos cambistas, a casa sustentava o amarilho e tudo corria bem no melhor dos mundos possiveis.

Em meza houve tambem quem reclamasse contra este abuso, mas a maioria opoz-se, e os interesses do enfermeiro prevaleceram as conveniencias d'aquelle estabelecimento de caridade. Pois se elle tinha bons padrinhos nos fornecedores amigos...

E' certo que no terceiro mez, o enfermeiro que d'antes punha e dispunha ali de tudo, sollicitava que o exonerassem, por já não poder suportar o torniquette da fiscalisação exercida sobre a parte economica das suas funcções n'aquelle estabelecimento hospitalar.

Continuaremos.

MISTIFICÇÕES

A'cerca da representação que algumas pessoas d'Aveiro e outras estranhas á terra e até mesmo dirigiram ao parlamento contra as irmãs hospitaleiras em serviço no hospital da santa caza d'esta cidade dizia o seguinte o *Diario Illustrado*:

«A irmandade da misericordia d'Aveiro foi eleita como é de costume, em 2 de julho, dia de Santa Izabel. Isto depois estava dissolvida, sem que se procedesse a nova eleição.

«A esta arbitrariedade se referio hontem o sr. Dias Ferreira, censando-a. Apoiado».

Aqui anda inexactidão grauda. O que se fez em 2 de julho foi a aprehensão dos papeis e cadernos, d'onde constava a falsificação do collegio eleitoral, como foi officialmente averiguado, embora o proceso não devesse a paternidade á mesa dissolvida, que o foi por ter infringido o preceito do artigo 17 n.º 1.º do codigo Administrativo, e nos termos do artigo 220 n.º 3.º do mesmo Codigo. Se d'aqui disseram o contrario ao sr. Dias Ferreira, faltaram á verdade s. ex.ª, assim como lhe mentiram quando o informaram de que se tinha feito a eleição da nova meza, para ser logo dissolvida, o que seria indesculpel arbitrio.

Por aqui abitola o distincto parlamentar a consciencia dos seus amigos de Peniche, querem dizer d'Aveiro, que só com embustes pretenderam illudir a sua confiança.

Continua o *Dio Illustrado*:

«A commissão administrativa admittiu irmãs da caridade no hospital, e o illustre estadista censurou esta admissão.

«Ora com esta cura, e de harmonia com as ideias que sere temos expendido, é que não podemos acordar, porque no fundo da nossa consciencia, e em quanto não houver factos em contrario, estamos persuadidos de que as santas mulheres hão de ter prestado relevantissimos serviços á instituição hospitalar.»

O sr. Dias Ferreira quiz fazer côro com os peticionarios d'Aveiro, dos quaes nem sequer chuchou um voto na ultima eleição geral de deputados, e que continuarão a votar contra elle, embora agora lhe aprouvessem os serviços. Mas pomos de parte os seus clamores contra as irmãs hospitaleiras, porque s. ex.ª sabe muito bem que isto de reacção é um espantalho, que serve só para certos fins, e mesmo quando ella existisse em Portugal, nenhum auxilio lhe poderiam prestar as srs.as que nos hospitaes civis vão tratar de enfermos pobres. Ali, n'aquellas casas, não ha herança a captar, nem propaganda a exercer.

E todavia não é tamanho o horror do sr. Dias Ferreira á reacção que não mandasse educar seu filho no collegio de Campolide, que é dirigido por padres jesuitas. E se tivesse sobre o assumpto outras ideias, de certo não metteria alli o filho seu.

Tem pois razão o *Diario Illustrado*, orgam da politica regeneradora, em discordar da opinião emittida em côrtes pelo sr. Dias Ferreira, quanto ao modo de sentir ácca dos serviços prestados pelas irmãs hospitaleiras. O illustre parlamentar esteve a caçoar com os que d'Aveiro lhe mandaram a representação, vingando-se assim do facto de terem votado contra elle na ultima eleição de deputados.

COMMERCIO

Lê-se no *Diario Illustrado*:

«Partiram hontem para Mossamedes as irmãs da caridade, Maria da Cruz, Maria Filomena da Cruz, e Isabel Roza Meirinho.

«Os republicanos servem melhor a patria declamando logas communs contra o artigo 6.º da Carta sob a presidencia do sr. conselheiro Silveira da Motta.»

A este respeito publica o *Reporter* uma proposta apresentada pelo sr. M. d'Arriaga n'esta clebre sessão, e que é do theor seguinte:

«Proponho que um dos objectivos da commissão executiva seja promover o maior numero de deputados e pares do reino, que tomem para com o corpo eleitoral o compromisso de abolirem do codigo politico da nação a religião do estado e garantirem a plena liberdade de consciencia e de cultos com a secularisação do ensino e o registo civil, por serem estes os meios mais efficazes de inutilisar-se a reacção religiosa que se combate.»

Sim, srs., o que pretendem os republicanos e socialistas é proscrever Deus da consciencia do homem. Não combatem a reacção, fingem temel-a, a fim de prégarem o atheismo. Acabando com a religião christã, atacarão depois a familia!

Excellentes mentores, que assim pretendem desmoralisar o povo, para o dirigirem depois ao sabor das paixões.

Que abram bem os olhos os chefes de familia Deitando abaixo os altares consagrados a Deus, estes iconoclastas voltar-se-hão, para a destruir, contra a auctoridade dos paes, negando-lhe os attributos que atravez os seculos os aureolam como a primeira figura da familia.

E depois virá a anarchia, que se gera no esterquilinio das paixões degradantes.

DEGRADANTE

Os que negam a existencia de Deus e se entretem com dizerem mal da religião christã, alludiram até em representações, que não se vexaram de assignar e de fazer assignar por outros, que familias d'Aveiro foram victimas do instituto de caridade, que tem por missão consagrar a existencia no serviço da humanidade. A estes zeladores do interesse alheio perguntaremos o motivo porque não levantaram ainda a voz contra os que recorrem á seducção para arremeçarem ao meio das devassidões e da crapula mulheres que viviam honestamente no lar domestico, cobrindo-se, ellas, de oprobrio, e a familia de vergonha?!

E todavia estas scenas passam quasi desapercebidas para os moralistas do *banzé*, que aplaudem a prostituição, mas que protestam contra a iniciativa tomada pela mulher depois de attingir a maioridade legal, como se fosse mais proveitoso e edificante a vida dissoluta do lupanar, que a missão de confortar enfermos e desvalidos!

Ao menos as que se alistam na milicia da caridade prestam serviços relevantes á humanidade nas horas cruciantes de provação. Em quanto as outras... vão inscrever o nome infamado na matricula das toleradas, baixando ao lodaçal, d'onde espirram as impurezas que salpicam e maculam para todo o sempre a mulher.

Para estas tristes aberrações não attendem os moralistas da impiedade, que querem para si a licensa, e que seriam Torquemadas senão fossem Tartufos no meio da sociedade que os conhece e aprecia.

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

O nosso distincto e dilecto collega, o illustre deputado por Ovar, fallou ante-hontem na camara electiva sobre o caminho de ferro do *Valle do Vouga*, que atravessa uma das mais ferteis regiões da Beira Alta e do Douro, e que vae trazer grandes conveniencias commerciaes e industriaes tanto áquellas regiões como á do nosso littoral.

S. ex.ª tem sido incansavel em alcançar, com o seu talento e intelligencia, todos os melhoramentos que pódem trazer beneficios, não só para a sua terra natal como para o circulo que teve a honra de o eleger.

Felicitamos o circulo, e felicitamos o nosso amigo.

SUBSCRIPÇÃO ENTREGUE

Do *nosso muito* presado e honrado amigo o sr. Joaquim José dos Prazeres, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Tendo Sua Magestade a Rainha determinado que o poducto da subscripção, promovida no districto a meu cargo, em favor das victimas sobreviventes do theatro Baquet, do Porto, fosse entregue ao Secretario da mesma Augusta Senhora, o ex.mo Conde de Ribeiro da Silva, vou rogar a v. a extrema finesa de dar publicidade no jornal o *Campeão das Provincias* á carta e recibo que abaixo transcrevo:

«Administração Geral da casa de Sua Magestade a Rainha—Lisboa, 6 de junho de 1888.—Ill.mo e ex.mo sr. Joaquim José dos Prazeres.—Respondendo á pergunta que v. me faz na sua carta de 2 do corrente, tenho a dizer-lhe, que póde fazer entrega ao sr. Antonio Pereira Junior, correspondente do Banco de Portugal n'essa cidade, da quantia de 245$215 reis, producto da subscripção promovida por v, n'esse districto, para as victimas sobreviventes do theatro Baquet, do Porto.

Contra esse pagamento o mesmo sr. Antonio Pereira Junior fará a v. entrega do respectivo recibo por mim assignado.

Com toda a consideração etc., de v. muito att.º v.or—*Conde de Ribeiro da Silva*, Administrador Geral da casa de Sua Magestade a Rainha.»

Em acto continuo ao recebimento da carta transcripta effectuei a entrega da dita importancia, como se prova do recibo seguinte:

«Administração Geral da Casa de Sua Magestade a Rainha.

Recebi do ex.mo sr. Joaquim José dos Prazeres, a quantia de duzentos e quarenta e cinco mil duzentos e quinze reis, producto da subscripção, promovida por v. ex.ª no districto de Aveiro, para as victimas sobreviventes do incendio do theatro Baquet, do Porto. São reis—245:215.

«Lisboa, 6 de Junho de 1888.—*Conde de Ribeiro da Silva.*»

Esta assignatura está feita por cima de um sello de verba de 50 reis e tambem inutilisado com aquella data.

Anteciparei os meus agradecimentos subscrevendo-me

De v.

com toda a consideração

att.º vend.or e creado muito reconhecido

Aveiro 8—6—88.

Joaquim José dos Prazeres.

Foi um bom serviço o que a favor das victimas do incendio do theatro Baquet prestou o digno director dos correios e telegraphos do districto. E porque foi bom, aqui e em nome da humanidade, lh'o agradecemos.

NOTICIARIO

Regresso.—Chegou a Lisboa, vindo no ultimo paquete dos Açores, o sr. dr. Eugenio da Costa e Almeida, que em maio ultimo tinha partido para S. Miguel, a fim de exercer alli o logar de juiz da relação. S. ex.ª porém adoeceu pouco tempo depois de installado n'aquella parte do archipelago, aconselhando-o a medicina a vir respirar os ares do continente.

Sentimos as causas que obrigaram o esclarecido magistrado a retirar-se tão repentinamente, e folgamos que se apresse a sua convalescensa, para o que concorrerão os extremos de sua familia.

— De Lisboa regressou á sua casa d'Anadia o distincto jurisconsulto e nosso presado amigo o sr. dr. Alexandre de Seabra.

O Padre Sebastião de Vasconcellos. — Esteve hontem n'esta cidade onde veio pregar, na festividade de Corpus Christi da freguezia da Vera-Cruz o reverendo Sebastião de Vasconcellos, esse grande benemerito da humanidade, que Portugal inteiro já conhece e cujos serviços revelantissimos prestados em prol das creanças que a desgraça arremessa para as varedas do crime, tem sido louvados por toda a imprensa. Continuador da grande obra iniciada na Italia pelo santo D. Vôsco, o sr. padre Sebastião de Vasconcellos, modelo e exemplo sem par entre nôs, tem prestado mais serviços com a sua officina de S. José do que todas as prisões do paiz. Elle castiga regenerando, não perverte castigando. Os rapazes entram para ali vadios, conhecedores e perpretadores de todos os crimes e sahem de lá, homens de bem, artistas consumados.

E' de preferencia aos carceres e enxovias que o revd.º Sebastião de Vasconcellos vae procurar aquelles que a sua grande e nobilissima alma pretende regenerar para a sociedade e para o trabalho. Um d'estes exemplos apresentou-nos elle hontem. Ha perto de dezoito mezes, encontrou n'um dos carceres da Relação do Porto, um rapaz de pouco mais de 14 annos, andrajoso d'alma o do corpo, um vadio consummado, que alli estava cumprindo a pena de 15 mezes de prisão pelo crime de furto. Este infeliz era de Aveiro, chama-se Jorge e pertence a uma familia honesta d'aqui, que debalde procurou durante muito tempo fazel-o entrar no verdadeiro caminho. Compadeceu-se elle da sorte do infeliz, e consultando-o se o queria acompanhar, obteve resposta affirmativa.

Dias depois, obtidas as licenças necessarias, e havendo-o affiançado pelos onze mezes de prisão que ainda lhe faltavam para cumprir a pena que lhe havia sido imposta, levou-o para a officina de S. José, onde está actualmente aprendendo o officio de sapateiro, que livremente escolheu e em que tem feito notaveis progressos. O que se passou nos ultimos 18 mezes com relação ao infeliz Jorge escusado é dizel-o; do antigo vadio, não restam sequer vestigios, pois a regeneração foi completa. Os que ainda não ha muito apertavam os casacos ao avistarem o rapaz, ou se davam pressa em fechar as suas portas, receosos d'alguma sua nova proeza, viram-no hontem bem trajado, respeitoso e sério na companhia do seu grande bemfeitor, que a todos o apresentava, que o assentou na meza do hotel ao seu lado, que o trouxe na carruagem em que andou aqui e que finalmente no caminho de ferro o levou no compartimento de 1.ª classe em que ia. Levou-o a casa da familia que não sabia como agradecer tamanho beneficio; tractou-o e tracta-o como se fôra um filho seu. E o que pratica com este infeliz, pratica-o egualmente o revd.º Sebastião de Vasconcellos com quarenta e tantos desgraçados, que alberga na sua officina de S. José.

Santa e nobilissima acção é esta que Deus decerto abençôa, assim como não nos cançaremos de louvar e exaltar.

Estada. — Está ha dias na casa de seus honrados paes, em Alumiar, o sr. Silvestre da Silva Mello, negociante no Paraguay e uma das firmas mais acreditadas d'aquella provincia. E' o sr. Mello um caracter respeitavel, que honra a terra em que nasceu. Negociante honrado, bom filho, bom cidadão e exemplarissimo chefe de familia, a sua carreira commercial tem tido sempre o aprúmo e a norma de que não sabem apartar-se os verdadeiros homens de bem.

O sr. Mello veio ao paiz para levar d'aqui suas interessantes filhas, que no decurso de cinco annos teem recebido a mais completa educação no acreditado collegio da ex.ma sr.ª D. Roza Regalla. Agora volta ao Paraguay, mas não conta demorar-se lá muitos annos. Dizem o nosso bom amigo que n'um praso curto voltará ao paiz, contando estabelecer depois a sua residencia n'esta cidade. Que vá sem incommodo, e que volte com toda a sua familia de perfeita saude, e muito breve, é o que muito desejamos.

Partida.—Parte no dia 11 para os banhos da Felgueira o nosso antigo e muito presado amigo o sr. Luiz Maria de Miranda Rocha. Que o bondoso e esclarecido ecclesiastico regresse d'alli inteiramente bom é o nosso mais sincero desejo.

Mais.—Partiu hoje para Lisboa o sr. José Eduardo de Mello, muito digno sub-inspector de pecuaria do districto. Faltaria-mos ao nosso dever se deixassemos de registar aqui os bons serviços prestados por este digno funccionario em tudo o que respeita aos assumptos da exposição, pois que ao seu zelo, dedicação e boa vontade se deve, principalmente, o grande numero de productos cavallares que foram do districto. Devemos-lhe por isso louvor que sinceramente lhe prestamos.

Tem graça. — Pensava-se que havia aqui só uma repartição official de matrizes, mas á ultima hora consta que ha outra, denominada—*estado-maior*—pago á custa d'um larvado qualquer, e com *secretario*! Quem será elle? Invenções de cerebros enfermiços.

Gado para a exposição.—Partiu já para Lisboa todo o gado que os criadores d'este districto enviam á exposição. D'aqui foi gado cavallar na seguinte quantidade:

Do concelho de Aveiro.....	45
De Estarreja.....	37
De Agueda.....	3
Total.....	85

São tudo eguas e potros, excellentes amostras que hão de decerto elevar o credito do nosso districto como zona de criação cavallar.

Serenata no passeio publico.—Realisa-se no proximo domingo a terceira serenata promovida em beneficio do Montepio.

A phylarmonica *Amizade* fará ouvir no coreto alguns trechos de musica dos mais seletos, e n'um intervallo uma *troupe* de curiosos executará algumas peças do seu variado repertorio.

Ao jardim! Ao jardim! que as vidas são curtas e as noitas são bellas.

Chronica policial. — Nos dias 3 e 4 queixaram-se:

Ao guarda civil n.º 6 o taberneiro Antonio Pinto, morador na Fonte Nova, que Accacio Sucena, da rua da Palmeira, promovera desordem na sua taberna atirando-lhe com um copo á cabeça, fazendo-lhe um ferimento. Ao delegado.

Na rua da Estação foi preso mais uma vez Manuel Fernandes Novo, o *Malhado*, da Oliveirinha, por furtar de um coradouro publico uma roupa que alli estava a enxugar. Na occasião da captura foi-lhe apprehendido parte do furto, averiguando-se ter vendido já na rua do Espirito Santo um chambre de chita por 90 reis. Ao tribunal.

Achados:

Salvador da Maia, lavrador, da Quinta do Gato, apresentou no Commissariado de Policia um potro que no dia 2 do corrente encontrára abandonado no mesmo logar da Quinta do Gato. Ficou em deposito para ser entregue a quem o reclamar.

Trabalho no mar.—Com excepção de hontem, porque foi dia sanctificado, tem havido sempre trabalho no mar, sendo a pesca sardinha em algumas costas e petinga em outras. Nota-se que as pescarias andam muito longe; para as alcançar é preciso ir a uma distancia de muitas milhas. E' possivel que o bom tempo que está fazendo lhe permitta aproximar-se mais de terra. Se assim não fôr o trabalho e a despeza augmentam-se para o pescador, e o resultado é por isso menor. Hoje o mar é bravo.

Marinhas.—As chuvas da noute de ante-hontem atrazaram o andamento da cultura do sal. E' mais um periodo de demora no proseguimento da industria local; mas a chuva era já uma necessidade, e o tempo que deve vir dará aos marnotos a indemnisação a que teem direito, pois que ainda se hão de fartar de sol e de calôr que produz o genero.

Mercado de sal.—Está por 23$000 reis a medida de 15:000 litros, com tendencias para subir, e de certo subirá mais se a colheita do novo se for protelando.

Noticias da Guarda. —O valle do Mondego, suburbios d'esta cidade, outr'ora tão fertil e abundante, vae passando por uma crise medonha de fome e de miseria. As vinhas de ambas as margens do rio estão todas atacadas pelo phylloxera, que n'esta primavera tomou um desenvolvimento rapido e devastador em toda aquella zona. Além do grande numero de vinhas, já anteriormente destruidas, foram atacadas por todos os lados as das quintas dos srs. conde da Guarda, Freire Cabral, D. Anna Portugal, Padre Jacintho, Joaquim Dias, Senhora do Carmo, e muitas outras. E isto é uma grande desgraça,

Carta notavel.—A fallecida sr.ª viscondessa de S. Caetano escreveu a uma sua amiga antes de morrer, a seguinte carta:

«Minha querida Guiomar.—Casa de S. Caetano, maio 1.º—1888.

Venho despedir-me, agora que tenho os dias contados... despedir-me do teu coração com mais saudade que do mundo, primeira *étape* d'este inferno, a que me condemnou talvez... Deus!!!

Desde o outomno, era outubro, destoucava-se a natureza para o repouso da longa noite hybernal... e desfolhavam-se as minhas ultimas illusões... com a esperança da saude e a de uma vida melhor!... Emmudeci!...

Lazaro não escreveu!!!

Foi uma agonia medonha, em que se perdiam em repetidos paroxysmos as forças para a descrever! Supremo horror! Isto assim nunca foi visto! nem sentido, talvez! pela fragil creatura humana. A chaga do pé lavrou, nunca se poude curar, nem eu calçar-me. Com a tosse dilatou-se a hernia, a ponto de eu não poder caminhar, nem vestir-me, nem deitar-me, nem soquer nas ottomanas da sala do piano grande!!! mais dous tumores no estomago, e outro no braço direito me difficulta a escripta...

Rebantei de dôr! O ferimento da hernia é a punhalada mortal! Vivi ainda com isto mais de um mez! mas agora, vejo-me acabar.

Reza por mim, Guiomar. Olha que padeci tanto como os martyres, dilacerados pelas feras! crucificada pelos inimigos que de mim se acercaram, disfarçados em humildes thuriferarios *christãos!*

Pede a Deus que me conceda a paz... que me deixe dormir... no tumulo e no céo com sonhos suaves... azues... como os sonhos das creanças... com as flores bellas da terra e as flores de luz do firmamento... sem as saudades do mundo...

Pede á tua mãe, de quem eu sou... e fui tão amiga, que rezo tambem por mim.

Adeus! eu não merecia este fim.»

A 8 de maio, voltava a santa a dizer:

«Ainda não expirei!

Vão essas floritas do meu Gethsemani! A morte adeja em torno da minha cabeça, já defunta!...

E' isto o inferno, com todos os seus horrores!...

O mal supremo!... a consequencia da vida, que eu não pedi aos meus progenitores, tão puros, tão bons, que deixaram este mundo com a serenidade dos justos... Deus que recebeu no seu seio as suas bellas almas.... far-lhes-ha esquecer a filha.... ignorar a minha *condemnação* immerecida... de outro modo a Bemaventurança deixaria de o ser!!... Eu era triste como o meu destino, mais desgraçada que as outras creaturas, porque é que Deus me daria o conhecimento do futuro? Foi peor ainda do que eu previa! O horror supremo!»

E nas ultimas linhas tremulas, fugitivas, quasi illegiveis, escreveu a querida mão, alludindo ao seu mallogrado sonho de viajarem juntas:

«Um abraço to envio agora,—o ultimo foi em outubro! Eu vou viajar, minha querida, mas vou só... longe... longe... para não tornar! Quando visitares a Italia, lembra-te da martyr da tua terra, que tambem a admirou atravez de um véo de lagrimas... Até... ao céo, talvez.

Tua devotissima

Eugenia».

O mez de junho.—Os que derivam de *majus* ou *majores* o mez de maio, por ser consagrado aos *anciãos*, pretende que o *junho* se derive de *juniores*, por haver Romulo dedicado este mez aos *jovens* em honra de um mancebo que o acompanhou nos guerras. Mas tambem não falta qnem encontre a etymologia no nome da deusa Juno, e tambem no nome de Juno Bruto, fundador da republica romana. Como quer que seja, este mez, o quarto no primitivo calendario romano, era dedicado á deusa Juno, da qual, sem duvida, lhe proveio o nome. Romulo ordenou que fosse de 30 dias; Numa o reduziu a 29, e quando Cesar tornou a reformar o calendario, tornou a restituir a junho o dia que Numa lhe havia tirado. Foi desde então que elle ficou sendo o sexto mez em logar do quarto que até alli era.

Os antigos, que tudo reduziam a imagens sensiveis, representavam junho na figura de um mancebo coberto com um manto de côr verde escuro, coroado de varios emblemas e com um cesto de fructa mettido no braço, tendo na mão uma aguia.

Duas festas havia no dia das kalendas, no 1.º do mez: uma em honra da deusa Carna ou Cardinea, e a outra em honra de Juno Muneta. Seguiam-se as festas de Marte a 2, de Bello a 3, de Hercules a 4, de Sancus a 5, de Vesta a 8, de Jove Pistori ou Jupiter a 9, de Minerva a 12 e, finalmente, de Hercules a 30. Os catholicos dedicam o mez de junho a Jesus.

Serra da Estrella.—Apesar de estarmos em pleno junho e do excessivo calor que tem feito, os pincaros da Serra da Estrella apresentam-se ainda cobertos de neve. Extraordinario, mas exacto.

Correio da moda.—Da *Moda Illustrada*, excellente jornal das familias, de que é editor o sr. David Corazzi, extractamos o seguinte:

«Chegamos quasi a duvidar de que este anno tivessemos verão, porque não só as chuvas e as trovoadas nos apoquentavam, mas mesmo, apesar do calendario nos dizer que estavamos em maio, o frio nos fazia pensar ser janeiro.

Um nosso diplomata, homem de espirito, dizia uma vez em junho, estando a chover e elle vestido de branco:

—Eu faço o meu dever; o tempo que faça o seu.

Porém, no mez passado, com os temporaes que houve tornava-se isso impossivel. Como se poderia vestir uma *toilette* fina e transparente, ou um d'esses bonitos vestidos de taffetá tanto em voga e tão proprios para o calor, se a temperatura quasi exigia abafos de pelles?

Não temos novidade que possamos annunciar ás nossas leitoras, porque as modas continuam a estar estacionarias, porém o que se vê nos vestuarios é uma grande variedade, pois cada um escolhe o que melhor lhe fica e mais lhe agrada, e d'este modo é que se consegue o andar mais bem vestido.

E' realmente sem razão usar-se qualquer objecto que nos fique mal, só porque é moda e todos o usam! D'antes assim se fazia, porém hoje esse systhema mudou completamente.

N'uma das cousas em que mais se nota esta liberdade de escolha é nos penteados. Continuam estes a ser simples, mas não tanto como já foram. Umas pessoas usam a franja cahida sobre a fronte, outras levantam o cabello, deixando a testa a descoberto.

Muitas senhoras costumadas aos penteados altos continuam a prender o cabello no cimo da cabeça, formando ahi um 8, tufos ou tranças; outras enrolam-o na nuca em *chignon*, onde vão terminar os bandós lisos ou ondeados, mas quasi sempre um pouco chatos. As meninas de 15 a 18 annos chegam a fazer descer o cabello nas costas formando *catogan* seguro por uma tranquilha ou simplesmente um laço de fita.

Por isso mais uma vez diremos a vv. ex.as que para penteados consultem o seu espelho de preferencia ao seu cabelleireiro, pois mais vale usar um penteado mais antigo, mas que diga bem com a physionomia, do que usar outro que seja mais moderno, mas que fique mal.

Os trajes ao Primeiro Imperio não foram bem acceites este anno em Pariz, isto é, estes trajes feitos em todo o rigor com as saias sem roda, cinturas curtas e as mangas tufadas; mas as modistas aproveitam algumas d'aquellas modas, modificando-as um pouco ao gosto da nossa epocha.

Os cintos largos vão adquirindo voga, fazendo parte de muitas elegantes toilettes. Engrossam um pouco, é verdade, mas servem para ir habituando o olhar ás cinturas curtas e redondas. Uns d'estes cintos são lisos, outros formam prégas fôfas, outros, emfim, depois de cingirem a cintura, rodeiam-a de novo um pouco lassos, vindo atar no lado e deixando cahir as pontas até á extremidade da saia. Prendem-se tambem com fivella, mas é preciso que esta seja antiga ou pelo menos imitação das que se usavam no começo d'este seculo.

A respeito de chapeus já temos dito que as capotas pequeninas, ou as chamadas ao Directorio com a grande aba levantada na frente, são os modelos que mais agradam e os feitios que se veem. O que notamos é que as que são feitas nas primeiras modistas parizienses teem uma tendencia marcada para evitar as exaggerações e não se lhes vê aquella altura extraordinaria que tinham as do anno passado. A capota em si é pequenissima; os enfeites levantando ao centro é que lhe dão altura.

Nas corridas de Longchamps viam-se muitas das primeiras elegantes com as capotas sem fitas e collocadas um pouco atraz, ficando o cabello a descoberto quasi até meia cabeça. Como ha annos os chapeus se usavam puxados á frente, esta novidade por ora desagrada e torna-se preciso costumar o olhar a isso, pois nos parece que os chapeus assim vão a cahir.—*Elvira Gorjão*».

A rainha de Hespanha em Barcelona.—Noticiam os jornaes de Madrid:

O monumento a Colombo

Barcelona 1—A's cinco horas e meia da tarde de hoje inaugurou-se com imponente solemnidade o monumento em honra de Christovão Colombo. A concorrencia que assistiu ao acto era numerosissima.

A Rambla, o passeio de Colombo. e o molhe da Paz estavam completamente attestados de gente. O porto offerecia um espectaculo formosissimo, achando-se empavesados todos os navios alli ancorados.

Ao subir a rainha regente para a tribuna d'onde presenceou a ceremonia, a multidão victoriou-a enthusiasticamente. A commissão representativa do municipio de Genova tomou parte na procissão civica, conduzindo uma riquissima corôa de ouro, prata e ébano, na qual se lia esta inscripção: «A Christovão Colombo, o municipio de Genova».

O acto da inauguração foi iniciado com um discurso do alcaide de Barcelona allusivo ao heroe cujo monumento se ia erigir.

O syndicato de Genova pronunciou tambem um discurso cheio de verdadeira e sentida eloquencia. Disse que o monumento que Barcelona erigia para perpetuar a memoria de Colombo, demonstrava que a Hespanha é um grande paiz que não olvida os seus mais illustres filhos e servidores. Accrescentou que a rainha regente continuará a obra de prosperidade iniciada por Isabel I.

Depois d'este discurso, o presidente do conselho de ministros declarou em nome da rainha que estava inaugurado o monumento a Christovão Colombo.

Ao ser corrida a cortina que encobria a estatua, o castello de Monjuich salvou assim como os navios de guerra surtos no porto. No mesmo tempo a multidão prorompeu em vivas atroadores. A corôa trazida pelos representantes do municipio de Genova, foi apresentada a S. M. a rainha que fez merecidos elogios a tão artistico trabalho.

A Catalunha independente

Barcelona, 2—O presidente da Liga da Catalunha apresentou hontem á rainha uma mensagem na qual se expõe o que pensam e o que pretendem os catalães. Na mensagem consigna-se que não prescreveram os direitos da Catalunha como nacionalidade. Como consequencia d'isto, pede-se que a nação catalã volte a ter como em outro tempo côrtes independentes, côrtes formadas de representantes pertencentes a todas as classes sociaes do principado e que votarão as receitas e as despezas do paiz sem intervenção estranha.

A Catalunha fixará tambem os contingentes do exercito que considere necessarios. Os soldos dos soldados ficarão a cargo do orçamento catalão. Em tempo de paz, este exercito não sahirá do territorio catalão para cousa alguma. Pede-se tambem na mensagem que seja official a lingua catalã e que se empregue no ensino primario; que sejam catalães os tribunaes e que todas as causas e litigios sejam definitivamente julgados dentro do territorio catalão.

Pretende-se além d'isso que o chefe do Estado hespanhol vá a Barcelona jurar a Constituição fundamental da Catalunha, condição indispensavel, para poder exercer a soberania no principado. A mensagem está coberta de grande numero de assignaturas.

A viagem a Valencia

Barcelona, 3—E' provavel que S. M. a rainha desista da projectada viagem a Valencia, por causa da saude do rei e da infanta Mercedes.

A princeza Mercedes sentiu-se indisposta e teve que guardar o leito. Julgou-se a principio que tinha o sarampo, mas até agora nada justifica tal doença.

O rei-*niño* principiou a sentir os incommodos provenientes da primeira dentição.

Cousas de Hespanha.—Dizem de Barcelona ao *Imparcial*, de Madrid, que se guarda ali grande reserva ácerca dos incidentes que motivaram a demissão do general Martinez Campos; mas que, segundo a opinião e confidencias de pessoas relacionadas com o governo, o que se terá passado foi o seguinte:

O general enviou um telegramma ao ministro da guerra, dizendo que a infanta Isabel lhe ordenara que durante a sua ausencia fosse receber da infanta Eulalia o santo e a senha da praça; mas que elle achava não poder obedecer, fundando-se na circumstancia de ser o marido da infanta Eulalia seu subordinado. O general terminava por dizer que o santo o daria elle. Antes da resposta a este telegramma, parece que os ministros conferenciaram com pessoas altamente collocadas. Depois d'isto, o ministro da guerra respondeu ao general, ordenando-lhe que cumprisse a ordem recebida, visto não haver nada que justificasse o dever-se privar a infanta Eulalia de dar o santo e a senha.

O general Martinez Campos respondeu que acatava a resolução do governo, que ia inviar o seu immediato para receber o santo, que havia dado a sua demissão e que pedia auctorisação para resignar o mando no mesmo immediato.

Na noite seguinte chegou pelo correio a demissão official, escripta pelo punho do general.

O que come Frederico III.—O imperador da Allemanha restabelecido já da sua ultima recahida, levanta-se regra geral ás 2 e meia horas da manhã.

Acto continuo toma uma chavena de chocolate peptona, segundo a prescripção dos medicos.

Ás 9 e meia almoça servindo-se simplesmente de peixe e um bocado de frangão.

O imperador come á 1 em ponto mas de um modo summamente frugal, pois lhe basta uma hortaliça, um prato de peixe, outro de carne e um doce, do que gosta muito.

Ceia ás 8 horas da noite, ficando satisfeito só com um prato de peixe ou de carne.

Bebe pouco vinho, mas durante o dia toma varios copos de leite, bebida, que alem de lhe ser muito agradavel, contribue poderosamente para o restabelecimento das suas forças.

Invencivel armada.—Fez no dia 31 300 annos que saiu do Tejo a grande armada enviada por Filippe II contra a Inglaterra e por elle proprio denominada *invencivel*. A frota compunha-se de 146 navios grandes, além de muitas embarcações pequenas. Levava 2:800 marinheiros, 16:000 homens de desembarque e 2:500 boccas de fogo, e era commandada pelo duque de Medina Sidonia.

Na esquadra iam os melhores navios e os mais experimentados marinheiros da armada portugueza. De 8 para 9 de junho, uma furiosa tempestade dispersou a soberba armada, que o almirante inglez Drake anniquillou quasi completamente. Data dos tempos gloriosos de Drake a supremacia maritima da Inglaterra. A *invencivel armada* ficára, pois, desgraçadamente destroçada.

Preparativos na Inglaterra.—Publicou-se em Portsmouth uma ordem de mobilisação de grande parte da esquadra ingleza. Todos os navios armados serão providos de munições de guerra e de bocca para um praso de seis mezes.

Animação ao bem.—Em França e nos outros paizes ha umas associações particulares que teem por fim promover, publicar e premiar os rasgos de virtude—o que é um tanto mais generoso e util do que promover o aperfeiçoamento da raça cavallar por meio das corridas! Uma d'essas sociedades celebrou ha dias em Pariz a sua sessão solemne annual sob a presidencia de Jules Simon, e. entre outros rasgos, galardoou publicamente o d'uma mulher que pela patria e pelo marido arriscou a liberdade e a vida. O marido de Madame Begeot, a heroina em questão, era homem de confiança do coronel Denfert-Rochereau, que em 1870-1871 defendeu heroicamente a praça de Belfort contra os allemães. Marido e mulher empregavam-se, durante o cerco da praça, em levar as communicações de Denfert aos commandantes dos corpos d'exercito francezes, e n'esta arriscada missão atravessaram noventa e seis vezes as linhas inimigas durante o mais rigoroso inverno, aproveitando-se para isso do perfeito conhecimento que tinham do terreno. Certo dia, porém, foram agarrados ambos, e os allemães condemnaram Begeot a ser fusilado, e mandaram embora a mulher. Mas ella recusou a liberdade; declarou que acompanharia o marido na morte como na vida, e ficou com elle. Por circumstancias imprevistas, a sentença proferida contra Begeot não se executou, mas os dois esposos modelos foram levados para a Allemanha como prisioneiros de guerra, estiveram lá dezesete mezes amontoados em fortalezas, até que por fim foram restituidos á patria. Madame Begeot tem agora 44 annos. Foi galardoada com uma medalha de prata.

O tunnel entre a Inglaterra e a França.—Na ultima sessão hebdomadaria da *Balloon Society*, de Londres, Mr. Drury leu um estudo ácerca da questão do tunnel da Mancha. Este estudo diz, em resumo, que o tunnel em questão apertaria os laços entre a França e a Inglaterra. Sob o ponto de vista commercial, permittiria transportar para Inglaterra mercadorias vindas dos pontos mais extremos como Budapest e Belgrado. A reunião adoptou a ordem do dia seguinte, proposta por Mr. Lewis Appleton:

«A reunião é de parecer que um tunnel entre a Inglaterra e a França tornou-se absolutamente necessario aos interesses do commercio, porque, creando communicações directas por vias ferreas entre o Reino Unido e as linhas de caminhos de ferro europeus, permittiria á Inglatera o luctar com o maior exito contra os portos estrangeiros, que possuem actualmente os meios de transporar, sem as descarregar, as mercadorias de todas as partes do continente.»

Como se sabe, militarismo inglez oppõe-se fortemente, com razões de ordem estrategica, á realisação d'aquelle plano. Pueril, pois não é?

REDE DE CAMINHOS DE FERRO

Foi apresentada á camara dos srs. deputados a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º E' o governo auctorisado a adjudicar em hasta publica, precedendo concurso de sessenta dias, a construcção e exploração do prolongamento, até Bragança, do caminho de ferro de Foz Tua a Mirandella; nas mesmas condições e clausulas do contracto de 30 de junho de 1884, que não forem modificadas ou ampliadas por esta lei, e com as demais, que a experiencia venha a aconselhar no interesse do estado.

§ 1.º O concessionario será obrigado a executar os projectos, que para esse fim lhe forem apresentados pelo governo, com todos os seus apeadeiros e estações nos mesmos projectos estabelecidas, e quaesquer outras que ulteriormente lhe forem pelo governo mandadas estabelecer.

§ 2.º O concessionario poderá no entretanto propor as variantes que julgar convenientes; mas se d'essas variantes, quando devidamente auctorisadas, realisar augmento de precurso, a extensão entre Bragança e Mirandella nunca será computada em mais de 74 kilometros para os effeitos da garantia de juro.

§ 3.º O concessionario será obrigado a começar os trabalhos de construção dentro do praso de quatro mezes, contados da data da assignatura do contracto, e a terminal-os no praso de tres annos a contar da mesma data.

§ 4.º O concessionario caucionará com um deposito de 100:000$000 reis em dinheiro ou papeis do estado de valor correspondente á execução do seu contracto.

Este deposito, sendo em dinheiro, vencerá o juro medio da divida fluctuante.

§ 5.º A actual companhia nacional de caminhos de ferro terá na ajudicação, e dentro de quarenta e oito horas depois do concurso o direito de preferencia pelo mesmo preço offerecido, ainda que tenha sido concorrente por preço maior.

§ 6.º Se a companhia nacional de caminhos de ferro usar d'este direito de preferencia, o prolongamento até Bragança será considerado, para todos os effeitos, como parte integrante da linha de Foz Tua a Mirandella, constituindo com ella uma só linha, e continua. E o mesmo succederá no caso d'ella adquirir posteriormente aquelle prolongamento, por transferencia dos direitos do primitivo concessionario.

§ 7.º Nos casos do paragrapho antecedente, ou ainda quando a companhia nacional de caminhos de ferro obtenha directamente, em concurso, a concessão d'aquelle prolongamento, a garantia do juro será uniforme para toda a linha estabelecendo-se a nova base kilometrica proporcionalmente á extensão de toda a conforme o preço do concurso e o contracto de 30 de junho de 1884.

§ 8.º A garantia do juro será de 5,5 por cento, e computada sobre a base de 19:692$30 réis por kilometro, como preço de construcção.

Art. 2.º E' o governo auctorisado a adjudicar em hasta publica, precedendo concurso de sessenta dias, a construcção e exploração de um caminho de ferro de via reduzida (1 metro entre as faces interiores dos carris), que, partindo de Vizeu e passando pelas Pedras Salgadas, siga por Villa Pouca de Aguiar, Villa Real, Regua, Lamego, Villa da Ponte, Moimenta da Beira e Trancoso até tocar em Villa Franca das Naves a linha ferrea da Beira Alta.

§ 1.º O concessionario será obrigado a executar os projectos, que para esse fim lhe forem apresentados pelo governo, e que serão de base ao concurso, com todos os seus apeadeiros e estações nos mesmos projectos estabelecidas e quaesquer outras que ulteriormente lhe forem pelo governo mandadas executar.

§ 2.º O concessionario poderá no entretanto propor variantes que julgar convenientes; mas se d'essas variantes, quando devidamente auctorisadas, resultar augmento de percurso, na extenção total da linha entre Vidago e Villa Franca das Naves nunca será computada em mais de 193 kilometros para o effeito da garantia de juro.

§ 3.º O governo garante ao concessionario o complemento do rendimento liquido annual de 5,5 por cento em relação ao custo de cada kilometro que se construir, comprehendendo o juro e amortisação do capital.

§ 4.º Para os effeitos d'esta garantia de juro o preço kilometrico da linha a construir será a quantia de réis 21:000$000.

§ 5.º As demais condições do concurso serão reguladas conforme as condições e clausulas estipuladas no contrato de 30 de junho de 1884 para a linha de Foz Tua a Mirandella e outras que a experiencia venha a aconselhar no interesse do estado.

§ 6.º O concessionario será obrigado a começar os trabalhos de construção dentro do praso de quatro mezes a contar da data da assignatura do contrato e a terminal-os no praso de quatro annos a contar da mesma data.

§ 7.º O concessionario cancionará a execução do seu contracto com um deposito de 200:000$000 reis, em dinheiro ou papeis do estado de valor correspondente á execução do seu contracto. Este deposito, sendo em dinheiro, vencerá o juro medio da divida fluctuante.

§ 8.º O concessionario poderá prolongar a linha até Chaves: ou por um traçado independente da linha do valle do Tamega; ou por assentamento de dupla via na parte d'esta linha que lhe aproveitar, pagando o augmento de trabalhos e obras que d'essa segunda via resultar e a sua conservação; ou, finalmente, entroncando na linha do valle do Tamega e fazendo serviço por essa linha por contracto que possa com o concessionario d'ella.

§ 9.º O prolongamento eventual de Vidago a Chaves será considerado para todos os effeitos como parte integrante da linha de Villa Franca das Naves a Vidago, a qual se denominará ilha do Corgo e Beira, menos para o effeito da garantia de juro, ao que será applicavel o disposto na ultima parte do § 2.º d'este artigo.

Art. 3.º E' o governo auctorisado a adjudicar em hasta publica, precedendo concurso de sessenta dias, a uma só e mesma empreza, a construcção e exploração das linhas ferreas de via reduzida (1 metro entre as faces interiores dos carris), de Chaves a entroncar na linha ferrea do Douro, segundo o valle do Tamega; e de Braga a entroncar na linha do valle do Tamega, em Cavez, seguindo por Guimarães e Fafe.

§ 1.º O concessionario apresentara á approvação do governo os projectos definitivos para aquellas linhas ferreas devendo a respeito da primeira seguir tanto quanto possivel o traçado dos estudos de via larga, que lhe forem apresentados pelo governo, não podendo em todo o caso para os effeitos da garantia de juro exceder a extenção de 105 kilometros, e devendo seguir para a segunda d'estas linhas ante-projecto ou reconhecimento, que lhe for fornecido pelo governo, não podendo em qualquer caso exceder a extenção de 90 kilometros para o effeito da garantia de juro.

§ 2.º O concessionario deverá estabelecer em Braga a séde da empreza, e ter ahi as principaes officinas de grande e pequena reparação e os seus principaes depositos de material circulante.

§ 3.º Para o effeito de se realisar a mais curta ligação possivel entre Braga e Guimarães haverá uma estação ao norte d'esta ultima cidade, independentemente da actual estação da linha do Bougado, ao sul, no sitio do Cavallinho, que será ligada directamente com aquella linha ferrea. Esta ligação fica comprehendida na extensão de 90 kilometros, fixada como maximo no § 1.º

§ 4.º Haverá, pelo menos, um comboyo diario e directo ascendente entre Braga e Cavez, e um comboyo diario e directo ascendente e outro descendente entre Chaves e a linha do Douro.

§ 5.º A estação em Braga será estabelecida na actual estação da linha ferrea do Minho, que funccionará como estação de serviço commum, sob a direcção da administração das linhas ferreas do Minho e Douro, tendo porém o concessionario da linha de Braga a Cavez as suas installações e officinas particulares para o que fôr do serviço proprio da sua linha.

§ 6.º A ligação das duas linhas em Braga far-se-ha de modo que a linha de Cavez a Braga possa eventualmente ser prolongada por Villa Verde, em direcção ao norte.

§ 7.º Os projectos definitivos d'estas linhas serão apresentados, completos, pelo concessionario, dentro do praso de um anno, a contar da data da adjudicação; e as respectivas construcções ficarão terminadas: entre Braga e Guimarães no praso de dois annos; entre Chaves e Vidago no praso de tres annos, e no restante das linhas no praso de quatro annos, tudo a contar da data da approvação dos respectivos projectos.

§ 8.º O concessionario caucionará com um deposito de 250:000$000 reis em dinheiro, ou papeis de estado de valor correspondente a execução do seu contracto. Este deposito, sendo em dinheiro, vencerá o juro medio da divida fluctuante.

§ 9.º O concessionario será obrigado a consentir no assentamento de segunda via entre Vidago e Chaves, para o serviço exclusivo da linha de Corgo e Beira, se o concessionario d'esta linha a quizer assentar nos termos do § 8.º do artigo antecedente.

§ 10.º O governo garante ao concessionario o complemento do rendimento liquido annual de 5,5 por cento, em relação ao custo de cada kilometro, que se construir, comprehendendo o juro e amortisação do capital.

§ 11.º Para os effeitos d'esta garantia de juro, o preço kilometrico da linha a construir será a quantia de 30:000$000 reis.

§ 12.º A actual companhia da linha do Bougado a Guimarães terá na adjudicação, e dentro de quarenta e oito horas depois do concurso o direito de preferencia pelo mesmo preço offerecido, ainda que tenha sido concorrente por preço maior.

§ 13.º As de mais condições de concurso e adjudicação serão reguladas conforme as condições e clausulas estipuladas no contrato de 30 de junho de 1884, para a linha de Foz Tua e Mirandella e outras, que a experiencia venha a aconselhar no interesse do estado.

Art. 4.º E' o governo auctorisado a adjudicar em hasta publica; precedendo concurso de sessenta dias, a construcção e exploração de uma linha ferrea, que, partindo de Mangualde na linha ferrea da Beira Alta, vá entroncar na estação de Recarei da linha ferrea do Douro passando por Vizeu e S. Pedro do Sul.

§ 1.º São applicaveis ao concurso e adjudicação d'esta linha as disposições dos §§ 1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º do artigo 2.º com as modificações do paragrapho seguinte.

§ 2.º O maximo de extensão kilometrica para o effeito da contagem da garantia de juro será 157 kilometros; o complemento de garantia de juro será computado sobre a base de reis 30:000$000 por kilometro e o deposito de garantia será de 270:000$000.

§ 3.º Quando venha a construir-se o caminho de ferro do Valle do Vouga, o concessionario da linha de Mangualde a Recarei será obrigado a dar passagem na sua linha no troço, que a ambas fôr commum até Vizeu, para o serviço directo de comboyos para ou d'esta cidade, mediante o pagamento de 50 por cento das despezas de conservação e reparação d'este troço, e da portagem nos termos do artigo 36.º do contracto de 30 de junho de 1884. As estações d'este troço serão tambem applicaveis ao serviço commum sob a direcção da administração da linha de Mangualde a Recarei mediante accordo entre os respectivos concessionarios, ou resolução do governo não chegando a accordo.

Art. 5.º Para todos os effeitos d'esta lei, os direitos e obrigações dos concessionarios poderão ser transferidos mediante auctorisação do governo para as companhias ou emprezas, que elles organisarem. Essas companhias ou emprezas, ou outras para as quaes de futuro sejam transferidos os mesmos direitos e obrigações deverão ser organisadas conforme as leis portuguezas e ter nos seus estatutos a clausula expressa de que a maioria dos membros das suas direcções ou dos seus conselhos de administração será composta de cidadãos portuguezes domiciliados em Portugal.

Art. 6.º O governo proporá ás côrtes, em diplomas separados, as providencias financeiras necessarias para occorrer aos encargos d'esta lei;

Art. 7.º A base do concurso, a que se referem os artigos 1.º 2.º 3.º e 4.º d'esta lei, será unicamente o preço kilometrico, sobre que tem de ser computada a garantia do juro.

Art. 8.º Fica revogada a legislação em contrario.

Ministerio das obras publicas, commercio e industria, em 1 de junho de 1888.—*Marianno Cyrillo de Carvalho*—*Emygdio Julio Navarro.*

TRANSCRIPÇÃO

São do nosso collega *Jornal da Bairrada* os seguintes artigos:

A SAHIDA DOS VINHOS

Demonstramos no artigo anterior, publicado sob esta mesma epigraphe, que a apathia no mercado dos nossos vinhos é um mal enorme; e não imaginavamos que, volvidos apenas quinze dias, essa estagnação do unico producto, produzido por esta vastissima zona, para exportação, havia de produzir uma tão grande baixa de preço.

O vinicultor vendo o genero nas adegas, receioso da approximação de junho, que actuando sobre o liquido, não raras vezes o perturba pelas más condicções das adegas, necessitado de dinheiro para accudir ás despezas com os amanhos das terras, tem-n'o visto sahir lentamente e como por favor especial ao preço de 16$000 a 18$000 reis cada casco de 600 litros.

E este facto, que se dá entre nós repete-se por todas as regiões vinhateiras do paiz, e é talvez devido a esta enorme crise, que se vae reunir em Lisboa um congresso exclusivamente de lavradores de vinhedos.

Muitos proprietarios da Bairrada, illudidos pelos fabulosos preços de 1886, tem a convicção arraizada de que os seus vinhos são indispensaveis para a lotação dos vinhos inferiores e, n'essa persuasão, deixaram escapar a magnifica occasião de no principio da colheita venderem por preços altamente remuneradores, para hoje os cederem por menos de metade das offertas primitivas.

E' necessario saber-se que as praças de Cette e Bordeus estão repletas de cascos cheios, que na França do interior, na Italia e na Hespanha a existencia é enorme, que a America, o maior dos mercados dos nossos vinhos, possue já actualmente enorme quantidade de hectares e hectares de terrenos cobertos de cepas que, em breve tempo, produzirão quasi o necessario para o consummo. Pesadas bem todas estas circumstancias, difficil cousa não será convencer-nos de que a falta de sahida dos vinhos é sem duvida um perigo superior ao phylloxera. Para combater este temos os meios ao alcance da mão; para evitar aquelle a lucta ha-de ser porfiada. Até hoje indolentes e nada emprehendedores temo-nos conservado de braços crusados, sem darmos um passo para o aperfeiçoamento do systema de vinificação, acalentando n'um orgulho balofo de sermos necessarios, de nos virem procurar a nossas casas para nos levarem os vinhos.

Actualmente os papeis estão invertidos; nós é que vamos bater á porta dos commerciantes offerecer-lhe o resultado de nossa lavoura; nós temos de procurar a collocação dos nossos vinhos se não quizermos morrer lentamente, aos poucos, á mingua de recursos.

Quem nos lê não vá imaginar aprazer-nos crear terrores e levar o desanimo e o panico á grande massa dos trabalhadores ruraes; não. No meio d'essa tibiez tão accentuada, entre todos esses gritos de desanimo, d'essas lamentações doloridas, d'essas imprecações filhas do desespero, nós faremos ouvir a nossa voz sempre animadora e prenhe de fé, nós aconselharemos a lucta, nós insuflaremos a coragem, nós trabalharemos com todas as nossas energias, com toda a tenacidade de que somos capazes para o bem commum.

Nunca sacrificamos nas aras do interesse individual, jámais fraquejamos na hora do perigo e cada difficuldade que se nos antolha é mais um incentivo para caminharmos para a frente.

Se a crise que atravessamos é enorme, se a lucta a ferir é titanica, congreguem-se todos os exforços, agrupem-se todos os elementos dispersos, cooperemos todos para o bem de todos e unidos, seremos uma força.

Se os consummidores não vem aos nossos povoados buscar, como até aqui, o genero que abundantemente produzimos, vamos nós procural-os onde quer que estejam, á força de tenacidade corramos o paiz e o estrangeiro com as nossas amostras, tornemol-o largamente conhecido, aproveitemos todas as occasiões de chamar sobre elle as attenções. Se a época que atravessamos é de *réclames*, façamol-o bombasticos, á americana; mas por Deus! luctemos, luctemos sempre.

Ponhamos de parte todas as divergenoias, esqueçamos o amor proprio e reunidos os concelhos de Anadia, Cantanhede. Oliveira do Bairro e Mealhada com o fim unico de elevar as cotações dos seus vinhos, a victoria é certa. Querer é poder.

—

REUNIÃO VINICOLA

Em seguida publicamos o programma d'esta reunião que se annuncia como muito importante. As bases d'esse programma foram redigidas pelo sr. Antonio Izidoro de Souza, como relator nomeado pela *Liga regional dos lavradores do Baixo-Alemtejo*, á qual pertence, deve dizer-se, a primeira idéa d'esta reunião.

Essas bases foram discutidas pela direcção da Real Associação central e por ella approvada em sessão de 29 do corrente.

E' muito natural que a reunião se realise logo na primeira semana de julho, em Lisboa.

Bases do programma para a reunião vinicola de Lisboa

1.ª SECÇÃO—VITICULTURA

Processos culturaes usados nas principaes regiões vinhateiras.

Necessidade de os substituir ou modificar; quaes as modificações a introduzir.

Systhemas de preparação do solo, plantação, poda, empa, mergulhia e enxertia—vantagens e inconvenientes.

Amanhos do solo.—Cultura a braço e cultura mechanica, instrumentos aratorios empregados no arroteamento, plantação e grangeio da vinha, suas vantagens e inconvenientes;—quaes os preferiveis para cada região e natureza do solo.

2.ª SECÇÃO—OUTRAS DOENÇAS DA VINHA

Invasão phylloxerica.—Area invadida, estragos produzidos e meios de a combater.

Insecticidas.—Modo de applicação e resultados obtidos. Exemplos de regeneração com os mesmos obtida.

Submersão.—Exemplos no paiz e fóra d'elle, modo de installação e seus resultados.

Cepas americanas. — Productores directos e cavallos de enxertia, sua cultura e reproducção, condições necessarias para a adaptação, exemplos no paiz, resultados, confiança e esperança que devem inspirar.

Organisação dos serviços phylloxericos officiaes; sua historia, resultados obtidos, vantagens e defeitos.

Iniciativa particular ou collectiva dos viticultores e associações viticolas, o que tem feito, o que póde e deve fazer para a defeza e reconstituição das vinhas portuguezas.

3.ª SECÇÃO—OUTRA DOENÇA DA VINHA

Desavinho, chlorose, giadas, escaldão, carie, podridão negra, oidium, antrachnose, mildiw erineum, pulgão. pyrale, anguilula, formiga, branca, cochylis, etc.

4.ª SECÇÃO—LEGISLAÇÃO E ENSINO VITICOLAS

Revisão das leis do estado e codigos de posturas municipaes, relativos á viticultura.

Ampelographia — Necessidade de colligir e ordenar os elementos que existem dispersos, e de ultimar o seu estudo.

Estabelecimentos viticolas oficiaes, o que são e para que servem.

Escolas praticas de viticultura e onologia.

Postos ampelo-phylloxericos, collecções ampelographicas.

Videiras de cepas americanas.

5.ª SECÇÃO — ONOLOGIA

Classificação dos typos de vinhos portuguezes:

A—*Vinhos licorosos.*

B—*Vinhos de lotação.*

C—*Vinhos de pasto de consumo directo*: maduros, semi-maduros e verdes.

D—*Vinhos de caldeira.*

Processos de vinificação, usados para os diversos typos, suas vantagens e inconvenientes—modo de os evitar ou remediar.

Material vinario—Adegas de fermentação e adegas de conservação.

Condições a que devem satisfazer—Vasilhame de fermentação, conservação e transporte, typos usados nas diversas regiões vinhateiras do paiz, material de que são construidos, sua capacidade e custo, vantagens e inconvenientes.

Doenças e alteração dos vinhos.—Suas causas, meio de as evitar e remediar.

Outros productos onologicos: balsas

borras, alcool, abafado, geropiga, vinagre, cremor-tartro, verdete, bicarbonato de soda, oleo de grainha, tannino, etc.; modo de os obter, conservar o seu valor e applicação.

Distillação de alcool vinico—Apparelhos de distillação, intermitente e continua, de balsa, borra, aguapé e vinho.

Apparelhos fixos e apparelhos ambulantes—systemas diversos, suas vantagens e inconvenientes.

Distillarias sociaes ou particulares.

Qualidades e defeitos dos alcooles vinicos, modo de os reconhecer, evitar e remediar.

Alcooles industriaes—Concorrencia ruinosa que estão fazendo á viticultura portugueza. Perigosa para a hygiene e moralidade publica.

Deve ser prohibida a sua importação, fortemente tributada a sua fabricação, e desnaturados antes de entregues ao consummo, afim de evitar o seu emprego no tempero dos vinhos, ou na confecção de quaesquer bebidas.

6.ª SECÇÃO—COMMERCIO DE VINHOS

Necessidade de conquistar novos mercados e de alargar os existentes.

Registo e garantia das marcas dos productos, e tanto no paiz como no estrangeiro.

A—*Mercado interno*—Sua importancia e orientação.

Reducção gradual, até á abolição, dos impostos de consummo, sobre os vinhos, origem principal das falsificações.

Vantagens da creação de sociedades cooperativas não só dos productores, mas tambem de consumidores, cujas sociedades, relacionadas entre si, podem offerecer convidaveis vantagens reciprocas.

Creação de armazens sociaes em Lisboa, Porto e outros centros importantes para a venda por grosso e retalho de vinhos, alcooles, vinagres, azeites e outros productos agricolas, cuja genuidade e pureza sejam perfeitamente garantidos pelas respectivas sociedades cooperativas.

B—*Mercados externos.*—Historia da exportação dos vinhos portuguezes.

Mercados perdidos—Quando, como e porque? meios praticos de os reconquistar.

Mercados existentes—Meios de conseguir que se dilatem quanto possivel—typos apropriados a taes mercados.

Mercados novos. — Quaes deverão ser—Typos de vinhos adequados a cada um d'esses mercados; modo de expedição e collocação.

Propaganda a favor d'esses vinhos, como deve fazer-se, recursos necessarios para isso. Exposições temporarias ou permanentes, reclame nos jornaes, caixeiros viajantes, armazens ou tabernas, casas de commissões e consignações, presentes a hospitaes, restaurantes hoteis, negociantes, agentes diplomaticos, redacções, etc. etc.

Protecção do Estado ao commercio de exportação, o que é e o que deve ser. Abolição dos direitos d'exportação. Premios d'exportação.

Isenção ou reducção proporcional de contribuições aos exportadores de vinhos acima de um certo minimum, por exemplo: 100 pipas para os viticultores ou sociedades viticolas e 1:000 para o negociante.

Fiscalisação rigorosa e inspecção de todas as partidas de vinhos apresentados para exportação, castigando severamente, com o sequestro de vinho e vasilhas, independentemente de qualquer outro procedimento judicial, como a prisão multa, etc., qualquer fraude reconhecida e provada, tanto em relação á adulteração dos vinhos, como á falsificação das marcas.

Registo obrigatorio das marcas dos exportadores, aberto nas alfandegas de Faro, Lisboa, Figueira, Porto e Vianna, do qual haverá copia authentica em todos os consulados.

Imposição do sello das respectivas alfandegas nas vasilhas exportadas, para garantir a sua identidade.

Intervenção dos agentes consulares:

1.° Para conferir a identidade das marcas á chegada.

2.° Para impedir e fazer castigar por todos os meios ao seu alcance, a substituição das marcas, quer em viagem, quer á chegada, quer nos armazens de deposito ou venda, e bem assim quaesquer adulterações, falsificações ou processos de que resulte o descredito dos vinhos portuguezes, que tanto urge zelar e defender.

Remessa periodica de quaesquer informações relativas ao mercado de vinhos no seu respectivo districto consular, que possam interessar os viticultores e commerciantes portuguezes.

Creação d'um boletim vinicola mensal, onde o governo faça inserir os relatorios dos consules, a cotação dos preços dos mercados internos e externos, as novas marcas registadas, todas as informações finalmente, quer officiaes, quer extra-officiaes, que possam interessar a producção e commercio dos vinhos portuguezes.

Tributar fortemente a importação d'alcool de cereaes das nossas colonias e favorecer ali por todos os modos a introducção e o consummo de vinhos genuinos portuguezes.

Diligenciar a reducção dos direitos aduaneiros sobre os vinhos portuguezes, no Brazil, Inglaterra e outros paizes, os quaes direitos constituem acsualmente um serio embaraço á nossa exportação.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 4 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 23 dignos pares.

O sr. Barbosa du Bocage disse desejar ouvir diversas explicações do sr. ministro dos estrangeiros, relativamente ao *Livro Branco* sobre a questão de Zanzibar.

A requerimento do sr. Baptista de Andrade, entrou em discussão o projecto fixando a força naval. Ninguem pediu a palavra. O projecto foi approvado.

Entrou depois em discussão o projecto de lei tornando independente dos priorados Cintra e as freguezias da ilha de S. Miguel.

O sr. Hintze Ribeiro estranhou que entrasse em discussão este projecto de menor importancia, quando havia outras propostas do governo, de interesse geral, para discutir.

Sobre este incidente usaram da palavra os srs. ministro da justiça, visconde de Porto Formoso, Adriano Machado e ministro da marinha, sendo afinal retirado da discussão o projecto.

Em seguida entrou em discussão o projecto de lei relativo ao contracto de navegação para a Africa.

O sr. Barbosa du Bocage fez ligeiros reparos ao projecto.

Respondeu-lhe o sr. ministro da marinha.

Os srs. Hintze Ribeiro e conde do Bomfim tambem fallaram sobre o projecto, respondendo-lhes o sr. ministro da marinha.

Foi approvado o projecto.

O sr. Pereira apresentou o parecer da respectiva commissão sobre as emendas, de alguns dignos pares, ao Codigo Commercial.

Este parecer será discutido na sessão de quarta-feira.

—

Sessão de 6 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde, estando presentes 20 dignos pares.

Acta approvada.

Foi eleito vogal supplente do conselho administrativo dos tabacos o sr. Alfredo Mendes da Silva.

ORDEM DO DIA

Emendas ao Codigo commercial

Depois de breves considerações dos srs. Carlos Testa, Hintze Ribeiro, ministro da justiça, Dantas Baracho e conde do Bomfim.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 4 de junho

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 88 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Consiglieri Pedroso perguntou se o governo estava disposto a fazer concessões á Companhia das Aguas de Lisboa.

O sr. presidente do conselho disse que o assumpto ainda não fôra tratado em conselho de ministros.

O sr. Frederico Arouca referiu-se ao tumulto occorrido em Campo Maior, dizendo ter havido uma victima.

O sr. presidente do conselho deu explicações sobre esse acontecimento.

O sr. Frederico Arouca declarou que não o haviam satisfeito as explicações do sr. presidente do conselho, e pediu uma syndicancia aos actos do administrador do concelho.

O sr. Nobrega Pinto Pizarro fez o elogio do fallecido administrador do correio do Porto sr. dr. Agostinho da Rocha, e propoz que se exarasse na acta um voto de sentimento pela morte d'aquelle cavalheiro. Foi approvado.

O sr. Alpoim Borges Cabral pediu que fosse dado para discussão o projecto desobrigando a camara municipal de Lamego de concorrer para o custeio das obras do lyceu d'aquella cidade.

O sr. Alfredo Cesar Brandão pediu que fosse excluida da proposta do sr. ministro das obras publicas sobre os caminhos de ferro a linha de Arganil á Covilhã.

ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. Guilherme de Abreu continuou o seu discurso. Fallou especialmente das commissões mixtas para o serviço de inspecção predial.

Fallou depois o sr. Avellar Machado que pediu a prorogação do praso da revisão das matrizes por mais tres annos.

—

Sessão de 5 de junho

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 80 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Firmino João Lopes mandou para a meza uma representação da camara municipal de Vimioso, pedindo a approvação do projecto do caminho de ferro de Mirandella.

O sr. Augusto Fuschini pediu para lhe ser enviada uma nota dos subsidios pecuniarios concedidos pelo governo á Companhia das Aguas de Lisboa.

O sr. ministro da fazenda apresentou duas propostas de lei: uma modificando a lei do sello, na parte relativa aos cartazes com annuncios, e a outra extinguindo os addiccionaes, os quaes serão encorporados á principal contribuição.

O mesmo sr. ministro respondeu depois ao sr. Fuschini, dizendo que não tinha conhecimento de todos os subsidios concedidos á Companhia das Aguas de Lisboa pelos diversos governos, mas que sabe que em tempo foi concedido um auxilio áquella companhia pelo excesso de agua que se gastou por occasião das medidas tomadas na capital contra o colera-morbus,

O sr. Consiglieri Pedroso fez algumas considerações relativamente ao facto de Portugal não concorrer á exposição universal de Paris em 1889, e censurou o governo por este motivo.

O sr. D. José de Saldanha tratou da questão cerealifera, dizendo que ella pode acarretar uma crise de trabalho.

O sr. Pereira Carrilho respondeu-lhe dando varias explicações, e requereu que as commissões de fazenda e agricultura reunam durante as sessões diurnas e nocturnas, afim de estudarem a proposta de lei relativa aos cereaes.

Depois de algumas explicações entre os srs. Pereira Carrilho e dr. João Arroio foi approvado o referido requerimento.

ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. Avelar Machado continuando no uso da palavra, tratou largamente do orçamento do ministerio da guerra.

Como désse a hora, ficou com a palavra reservada para a sessão noturna.

Sessão nocturna

O sr. Avellar Machado concluiu o seu discurso a favor do orçamento rectificado.

O sr. Pereira Carrilho requereu que se consiguasse na acta que o sr. Avellar Machado se havia inscripto a favor do orçamento.

O sr. Avelar Machado fez seu o requerimento do sr. Pereira Carrilho.

Seguidamente usou da palavra o sr. Dantas Baracho.

O sr. Fernando Mattoso apresentou o parecer da commissão da agricultura sobre a proposta de lei relativa aos cereaes.

A sessão foi encerrada cerca da 1 hora da madrugada.

—

Sessão de 6 de junho

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 72 deputados.

Acta approvada.

O sr. Julio José Pires tractou da questão da Companhia das Aguas de Lisboa, pedindo para lhe serem presentes alguns documentos respeitantes á questão.

O sr. Antonio Francisco Ribeiro Ferreira mandou para a mesa uma representação da Associação Commercial de Lisboa, na qual são apreciadas genericamente as conclusões do congresso agricola reunido ha tempos em Lisboa.

O sr. Eduardo de Abreu perguntou se o projecto de lei sobre os alcools será discutido na actual sessão legislativa.

O sr. ministro da fazenda declarou ser esse o seu desejo.

O sr. dr. João Arroio instou pela remessa da nota da despeza feita com a illuminação electrica no theatro de S. Carlos.

O mesmo sr. deputado estranhou a intervenção do sr. governador civil do Porto nos actos da commissão central de soccorros ás victimas sobreviventes do theatro Baquet.

Tambem censurou asperamente o facto d'aquella auctoridade consentir na reabertura do theatro do Principe Real do Porto, sem que o proprietario do mesmo fizesse as obras indicadas pela commissão que vistoriou aquelle e outros theatros.

O sr. presidente do conselho prometteu mandar a nota relativa á despeza com a luz electrica em S. Carlos.

Leu em seguida um officio do snr. governador civil do Porto explicando o seu procedimento quanto á questão de distribuição de soccorros ás victimas do theatro Baquet.

Com respeito á reabertura do teatro Principe Real disse o sr. presidente do conselho que espera informações do sr. governador civil do Porto para as apresentar á camara.

O sr. Dias Ferreira apresentou uma representação da Santa Casa da Misericordia de Aveiro pedindo a expulsão das irmãs da caridade que se encontram alli em serviço.

O sr. presidente do conselho declarou que cumprirá as leis.

ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. Dantas Baracho continuou o seu discurso tratando largamente do orçamento do ministerio da guerra. Occupou-se toda a hora d'este assumpto, ficando com a palavra reservada para a proxima sessão.

SECÇÃO LITTERARIA

MORREU O PAPA

(Alphonse Daudet)

Passei a minha infancia n'uma grande cidade da provincia, dividida ao meio por um rio muito frequentado, muito mexido, origem da minha precoce predilecção pelas viagens e da minha paixão pela vida do mar.

Ha sobretudo um certo canto do caes, muito proximo d'uma pontesita chamada de S. Vicente, em que ainda hoje não posso pensar sem emoção.

Parece que ainda estou a ver a taboleta dependurada d'uma verga com este dizer: *Cornet, barcos de aluguer*, e uma escadaria pequena que ia desapparecer na agua, muito escorregadia e anegrada do lodo, a flotilha de barquitos pintados de fresco, de côres muito assanhadas, arrumados em fila junto á escada, baloiçando-se levemente borda com borda, como que alliviados do pezo pelos bonitos nomes que mostravam pintados na ré a letra branca: *Gaivota, Andorinha.*

Por ahi, por entre os remos todos reluzentes de alvaiade encostados ao talude para seccar, andava o tio Cornet com a lata da tinta na mão, muito atafulhado de pinceis, a cara muito queimada do sol e do ar, a pelle gretada, com mais rugas do que o rio n'uma tarde de vento fresco...

Oh! aquelle tio Cornet! Foi o Satan da minha infancia, a minha paixão dolorosa, o meu peccado, o meu remorso. Quantos crimes me não fez commetter com os malditos botes! Era o diabo!

Vendia os livros, faltava á escola.

O que não venderia eu, em troca d'um passeio pelo rio?

Atirava com os cadernos da escola para o fundo do barco, despia o casaco, o chapéu posto ás tres pancadas, o cabello muito estupentado pela beira salgada, dava aos remos com ancia, franzindo o sobr'olho para me dar ares do velho lobo do mar. Emquanto não sahia da cidade, conservava-me a meio do rio a egual distancia das suas margens, onde poderiam muito bem reconhecer o velho lobo do mar. Como eu gosava do enorme triumpho de me misturar com aquelle enorme movimento de barcos, fragatas, jangadas, rebocadores, que ora se approximavam, ora se affastavam uns dos outros, separados unicamente por um estreito cordão de escuma! Os barcos mais pesados davam a volta á procura da corrente, deslocando assim uma infinidade de outros.

De subito ouvia ao pé de mim o ruido das rodas d'um vapor; outras vezes cahia-me em cima uma grande mancha sombria, era a prôa d'um barco carregado de maçãs.

«Olá, gaiato!» gritava-me uma voz muito rouca; e eu suava, debatia-me, arrastado por aquelle borborinho da vida do rio, communicando com a vida da cidade pelas suas numerosas pontes e passadiços.

E a corrente, que era aspera ao pé dos enrocamentos, e os remoinhos, os turbilhões, o famoso buraco da *Morte que engana!* Ora imaginem se não era obra guiar-se uma pessoa no meio d'aquella barafunda, com uns braços de doze annos e ninguem para dirigir a canna do leme.

Calhava-me, ás vezes, ter a felicidade de encontrar a *cadeia.*

Agarrava-me logo á extensa fila de barcos que iam a reboque, e com os remos immoveis, dependurados como azas cahidas, deixava-me ir n'aquella carreira silenciosa, que cortava o rio em immensas fitas de espuma, parecendo que as arvores e as casas do caes fugiam a galope.

Na minha frente, lá ao longe, muito ao longe, distinguia o movimento monotono da helice, o ladrar d'um cão n'um dos barcos da fita, que deitava uma fumaradasinha muito tenue pelo cano baixo da chaminé; e dava-me tudo isto uma illusão de uma grande viagem, da verdadeira vida de bordo.

Mas poucas vezes tinha a dita de topar com a *cadeia.*

O mais certo era ter que remar, e remar a valer, com o sol a prumo. Parece que ainda me queima esse calor esbrazeante, que illuminava todo o rio! A agua era um luzeiro. N'aquella atmosphera brilhante e sonora, que fluctua pelas vagas e vibra ao menor movimento, o leve mergulhar dos remos, as cordas dos rebocadores a pingar agua, tinham uns vivos reflexos de prata polida.

E eu remava com os olhos fechados: A's vezes, calculando pelo vigor dos esforços, pelo chapejar da agua por baixo do barco, imaginava caminhar muito depressa; mas levantava a cabeça, e olhando via sempre a mesma arvore, o mesmo paradão adiante de mim, na margem.

No fim, á força de fadiga, lento e vermelho de calor, consegui afastar-me da cidade.

O alarido dos banhos frios, dos barcos das lavadeiras, dos pontões de embarque, ia pouco a pouco diminuindo. As pontes iam rareando na vastidão do rio. De longe a longe, lá vinha um jardim de *faubourg* ou uma chaminé de fabrica. Ao horisonte havia a frescura verde das ilhas. Extenuado, a deitar os bofes pela bocca, ia encostar-me á praia, no meio do zumbido dos caniços, e alli estava o velho lobo do mar, horas inteiras, tonto de sol e de cançaço, d'esse calor pesado que sae da agua espelhada, a deitar sangue pelo nariz. Era o desenlace sabido de todas as minhas viagens. Mas, digam lá o que quizerem, se eu achava aquillo delicioso!

O peior, o mais duro de roer, era a volta, a entrada em casa. Por mais que désse aos remos, chegava sempre tarde, muito depois da hora de sair da escola.

A impressão do dia a desapparecer dos primeiros bicos de gaz que vinham illuminar a nebrina, o socego, tudo augmentava a minha afflicção, os meus remorsos.

A gente que eu via passar, de volta a casa, muito socegada, mettia-me uma grande inveja, e continuava na minha marcha, a cabeça muito pesada, cheia de sol e de agua, com o chiar das conchas no fundo dos ouvidos, e com a cara já a córar da mentira que ia dizer.

Porque era preciso sempre levar uma mentira engatilhada para responder ao terrivel «d'onde vens tu» que me apanhava logo á entrada da porta. Era aquelle interrogatorio á queima roupa que mais me custava. Tinha que responder alli mesmo, no patamar, sem pestenejar, ter sempre uma historia preparada, uma coisa qualquer para dizer, tão extraordinaria, tão espantosa, que evitasse a massada das perguntas. Ganhava assim o tempo necessario, para entrar, para me refazer de animo, e não me poupava a esforços para obter este resultado. Inventava catastrophes, revoluções, coisas medonhas, horripilantes, uma rua inteira da cidade a arder, a ponte do caminho de ferro a desabar no rio. Mas d'uma vez tive uma idéa ainda melhor. Foi um dia em que me demorára ainda mais do que de costume. A minha mãe, que ha mais de uma hora estava á minha espera, espreitava-me do patamar da escada, e mal eu cheguei, gritou-me logo:

«D'onde vens tu?»

Pódem suppôr as diabruras que uma creança é capaz de inventar. Ainda não pensara no que havia de dizer. Viera muito depressa... De repente tive uma idéa. Sabia muito bem que a boa creatura era muito religiosa, catholica ferrenha como uma romana, e respondi-lhe oppresso d'uma grande emoção:

«O' mamã!... Se soubesse!...

— O que é?... Que mais teremos?...

— Morreu o Papa.

— Morreu o Papa!... exclamou a minha pobre mãe, e encostando-se muito pallida á parede.

Deitei a correr para o meu quarto, um pouco atarantado com o meu successo e com a enormidade da mentira; ainda assim não dei o meu braço a torcer, e tive a coragem de a sustentar até ao fim.

Recordo-me perfeitamente como passamos esse serão, tristes e apoquentados; meu pae muito sério, a minha mãe aterrada...

Fallava-se baixo á roda da meza. Eu, pela minha parte, não despregava os olhos do chão; mas já ninguem se lembrava que eu viera tarde, tão grande era a desolação geral.

Todos citavam a proposito algum acto de virtude d'esse pobre Pio IX; depois, pouco a pouco, foi descaindo a conversa para a historia dos Papas.

A tia Rosa fallou de Pio VII, que ainda se lembrava de ter visto passar pelo Meio-Dia, recostado n'uma cadeirinha, entre os gendarmes. Tornou-se a repetir aquella celebre passagem com o imperador: *Comediante!... tragediante!...*

Era decerto a centesima vez que ouvia contar essa terrivel scena, sempre com as mesmas intonações, os mesmos gestos, esse stereotypado das tradicções de familias que vão passando de paes para filhos, pueris e locaes, como as historias de convento.

Mas não queria dizer nada, nunca a historia me parecera tão interessante. Escutava-a com uns suspiros hypocritas, muitas perguntas, um ar de falso interesse, e ia dizendo com os meus botões:

«A'manhã, quando souberem que o Papa está vivo e bem vivo, ficarão tão contentes, que não terão coragem para ralhar commigo.»

Ia pensando em tudo isto, mas os olhos fechavam-se-me mesmo sem eu querer, e tinha visões de botes pintados de azul, e via recantos da Saône brilhantes de sol, e grandes revoadas de gaivotas correndo em todos os sentidos e cortando com as remigens das asas a agua vidrosa...

Nemo.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 4

Carta de lei elevando o numero das penitenciarias.

Modificação do plano para o sorteio extraordinario do emprestimo de 4 por cento, de 1888.

Conta do thesouro do continente do reino, referida ao mez de fevereiro de 1888.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul.

Carta de lei estabelecendo os vencimentos aos lentes e professores proprietarios dos institutos dependentes do ministerio das obras publicas.

Mappas dos registos de marcas de fabricas e commercio e patentes de invenção, referidos ao mez de março de 1888.

Despachos de varios empregados para os correios e telegraphos.

Propostas de lei para melhorar os vencimentos dos officiaes reformados, e reformando o ensino da Escola do exercito.

Diario de 5

Despachos de varios empregados para as alfandegas.

Resumo do activo e passivo do Banco de Portugal referido ao dia 11 de janeiro de 1888.

Boletim militar do ultramar.

Mappa geral dos espolios dos portuguezes fallecidos na area do consulado de Pernambuco nos annos de 86 a 88.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado de Pernambuco, referido a julho de 1887.

Diario de 6

Portaria avisando as côrtes para acompanhar sua magestade el-rei D. Luiz I, á festividade do Coração de Jesus, no dia 8 do corrente.

Varios despachos administrativos e de instrucção publica.

Portaria auctorisando a Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes a abrir provisoriamente á circulação para passageiros e mercadorias, a terceira secção do caminho de ferro entre Leiria e Figueira da Foz.

Relações dos candidatos que foram admittidos ao concurso para logares de segundos aspirantes dos correios e telegraphos.

Propostas de lei estabelecendo o sello nos cartazes de publicações litterarias e scientificas, extinguindo proporcionalmente nas contribuições a razão e taxa referidas aos addicionoes e estabelecendo as regras de sua cobrança.

Representação da Liga dos lavradores do Douro contra a proposta de lei que augmenta os direitos de importação de seus vinhos em Lisboa.

Appendice.—Officio do ministro de Portugal, no Rio de Janeiro, e diversos documentos relativos aos exames chimicos feitos a vinhos importados de Portugual.

Relatorio do consul de Portugal, em Bristol, sobre assumptos commerciaes.

24

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Accendeu-se a luz e o chefe examinou o que continha a bolça. Em quanto a desatava, os outros uniram-se á roda d'elle, e os quaes tinham aggarrado Gurth pelo braço, tendo sido igualmente excitados pela curiosidade geral, estenderam o pescoço para ver o ouro, que tentava a sua cobiça. O escudeiro saxonio, sentindo-se menos apertado, aproveitou-se da negligencia dos ladrões para se por em liberdade, com um movimento subito, e ter-se-hia podido evadir se tivesse querido renunciar ao dinheiro de seu amo; mas taes não eram as suas intenções. Arrancando das mãos a um dos salteadores um pau cheio de nós, descarregou uma bordoada no chefe, que não esperava um tal ataque a bolça cahiu-lhe das mãos, e Gurth ia agarral-o, quando os salteadores mais ageis a empolgaram, e a tiveram a melhor recado do que dantes.

— Patife! diz o chefe, com qualquer outro que não fôra eu, a tua insolencia já teria sido castigada. Mas já vais conhecer o teu destino n'um momento. E' preciso em primeiro logar occupar-nos de teu amo. Os negocios do cavalleiro devem passar antes dos do escudeiro, conforme as regras da cavallaria. No entrnto fica socegado, pois se fazes um só movimento, pôr-te-hei-mos em estado de te não mecheres por muito tempo. Camaradas, disse elle aos outros, esta bolça é bordada com letras hebraicas; acham-se n'ella cem pesos, e tudo prova que este maroto não nos enganou. Nós não devemos exigir direito de paga do cavalleiro seu amo. Assemelha-se demasiado comnosco para lhe impôrmos contribuições. Os cães não atacam os outros cães em quanto acham lobos e raposas no bosque.

— Assemelha-se a nós! disse um dos salteadores, eu sempre queria saber em quê.

— Em quê? respondeu o capitão; não é elle pobre e desherdado como nós? Acaso não ganha a sua vida á ponta da espada como nós? Não bateu elle Cabeça-de-Boi e Malvoisin, como nós mesmos o teriamos feito se tivessemos achado occasião? não é inimigo figadal de Brian de Bois-Guilbert, que tambem é o nosso? e, sem todas estas razões, querias tu que tivessemos menos consciencia do que um infiel, do que um cão de judeu?

Não, não, respondeu o mesmo salteador, isso seria uma vergonha. Todavia, quando eu servia na tropa do velho Gandelyn, não tinhamos taes escrupulos. E' este insolente labrego tambem presume que se ha de ir sem ser esfregado?

— Isso dependerá de ti, diz o chefe. Vejâmos, disse elle a Gurth, chegate; sabes por acaso manejar o páu?

— Persuado-me, respondeu Gurth, que tivestes uma boa prova.

— Convenho, a pancada foi bem applicada. Eia pois, faz outro tanto a este valente rapaz, e passarás livre d'imposições; se bem que por minha fé, tão fiel és a teu amo, que me persuado que em todos os casos serei eu quem pagará o teu resgate. Vamos, moleiro, vai buscar teu páu, e trata de defenderte como d'atacar. E vós, largai esse rapaz e dai-lhe tambem outro. Faz bastante lugar para um tal combate.

Os dous campeões, armados ambos com páus do mesmo tamanho, e grossura, avançaram para o meio do largo para serem mais livres nos seus movimentos, e terem a vantagem do luar. Os salteadores rodeavam-nos rindo-se e gritando ao seu companheiro:

— Attenção toma conta não pagues tu mesmo o direito da passagem.

O molleiro, tendo o bordão agarrado pelo meio, fazia-o rodear em volta da cabeça, fazendo o que chamamos sarilho, e, querendo chegar-se para Gurth:

— Avança, labrego, lhe disse elle, avança, saberás como péza o meu punho.

— Se acaso és molleiro de profissão, respondeu Gurth, és duas vezes ladrão. Sentido comtudo! eu te vou pôr um bom saco ás costas; verás como te teme.» E emmediatamente poz-se a sarilhar com as duas pontas do páu, com tanta destreza como o seu antagonista.

Acommetteram-se então os dous campeões, e mostraram por alguns minutos uma perfeita igualdade em coragem, força, e agilidade dando e aparando as pancadas com tanta promptidão como destreza. A bulha que faziam os páus, batendo um no outro era tal, que a alguma distancia ter-se-ia julgado que haviam seis combatentes de cada lado. Combates menos renhidos, e menos perigosos teem sido cantados em bons versos heroicos; mas o de Gurth e do molleiro não ha de ter a mesma honra por falta d'um poeta inspirado. Comtudo, se bem que o combate com o páu de duas pontas já não esteja em moda, faremos o que poderemos para justificar em prosa estes dous valentes adversarios.

Combateram por muito tempo sem que nenhum d'elles tivesse vantagem sobre o seu antagoninsta, e o molleiro começava a irritar-se por achar um contrario tão habil, e por ouvir os seus companheiros rirem-se dos seus esforços inuteis, como se faz em taes casos. Este movimento d'impaciencia não era favoravel a simillhante genero de briga, que exige muito sangue frio e prompto acordo, e deu a Gurth, que tinha um caracter firme e determinado, occasião de triumphar, de que elle soube habilmente approveitar-se.

O molleiro atacava com uma impetuosidade furiosa; as duas pontas do seu páu batiam alternativamente sem descontinuar, e apertava com seu adversario. Gurth, fazendo o sarilho com rapidez, cobria a cabeça e o corpo, aparava todas as pancadas, e punha-se em guarda fazendo pé atraz. Porém no entretanto não despregava os olhos do molleiro; vendo-o já cançado, fingiu que lhe atirava uma pancada com a mão esquerda, e emquanto o molleiro tratava de a aparar, passando o páu para a outra mão, com a rapidez do raio arrumou-lhe do lado direito uma pancada tão furiosa, que o estirou por terra.

— Victoria! victoria! gritaram os salteadores; bem combatido! viva a velha Inglaterra! o saxonio salvou a bolsa e a pelle! O molleiro achou um mestre.

— Pódes partir, meu bravo, disse o capitão juntando a sua approvação á acclamação dos outros, e far-te-hei conduzir por dous dos meus camaradas até ao pé da tenda de teu amo, com medo que encontres outros noitibós, cuja consciencia não seja tão larga como a nossa: pois que, n'uma noute como esta, andam todos a rondar. *Todavia lembra-te*, lhe disse elle carregando as sobrancelhas, que recusaste dizer-nos o teu nome, e acautela-te em tomar informações sobre os nossos, e em querer descobrir quem somos. Pensa bem no aviso que te dou, se não queres te aconteça alguma desgraça.

Gurth, tendo recebido das mãos do capitão o seu precioso fardo, agradeceu-lhe, e certificou-lhe que não desprezaria os seus avisos. Dous dos salteadores, armando-se então com os seus páus, lhe disseram que os seguisse, e fizeram-lhe atravessar o bosque por uma pequena vereda, muitas vezes embaraçada com muitos tojos, e que fazia muitos rodeios. Assim que chegaram a ponto de sair, apresentaram-se diante d'elles dous homens; mas os conductores de Gurth tendo-lhes dito algumas palavras em voz baixa, immediatamente se retiraram. O fiel escudeiro viu bem que a precaução do chefe não tinha sido fóra de razão, e concluiu d'esta circumstancia que a banda era numerosa, e que se montava regularmente a guarda á roda d'este logar do encontro.

Chegaram emfim ao campo raso; mas Gurth teria achado difficilmente o caminho, por não ser aquelle por onde tinha vindo. Os seus dous guias acompanharam-no pois até uma pequena imminencia, do alto da qual se podia distinguir, com o luar, o logar aonde se tinha dado o torneio, as tendas construidas em cada extremidade, com as bandeirolas com que as ornavam, e que o vento fazia agitar: ouvia-se mesmo o canto com que as sentinellas tratavam de alegrar a sua nocturna atalaia. Os dous ladrões pararam alli.

— Não vamos mais longe, lhes disseram elles: seria imprudencia da nossa parte o fazel-o. Não te esqueças *do aviso que recebeste*: guarda segredo sobre o que aconteceu esta noute, e não te has de arrepender. Mas se desgraçadamente fallas em alguma cousa olha que a torre de Londres não te ampararia da nossa vingança.

— Muito agradecido, muito agradecido, meus bravos, disse Gurth; eu sei quanto val o ser discreto; mas lisongeio-me que, sem vos offender, posso tomar a liberdade de vos desejar um officio menos perigoso e mais honesto.

Separaram-se a estas palavras. Os outlaws tornaram a tomar o caminho por onde tinham vindo; e Gurth dirigiu-se á tenda de seu amo, a quem, apezar da ordem que lhe tinha sido dada, contou todas as aventuras d'aquella noute.

O cavalleiro desherdado não ficou menos admirado da generosidade de Rebecca (apezar de tudo, resolveu de se não aproveitar d'ella), do que da dos ladrões, em cuja profissão parece tão estranho um tal sentimento. As reflexões sobre tão singulares acontecimentos foram em tudo interrompidas por ser tempo de tomar descanço; as fadigas do dia lhe faziam sentir bem esta necessidade; e a que tinha de recobrar novas forças para o seguinte dia ainda mais imperiosamente assim exigia.

Estendeu-se pois o cavalleiro sobre uma magnifica cama, que os marechaes do torneio lhe tinham feito preparar; e o fiel Gurth, fez outro tanto sobre uma pelle d'urso posta por terra, atravessada na entrada da tenda, de sorte que ninguem lá poderia entrar sem o accordar.

XII

Céssã'os Arautos de correr a liça,
Já se ouvem dos clarins os sons canoros.
Reina o silencio; apresta-se o combate,
Dá-se d'esporas, brilham as espadas.
Nos elmos, nos escudos fervem golpes,
Jorra na arena o sangue espadanando.

Chaucer.

Ergueu-se o dia sem nuvens, e viam-se já na planicie os expectadores tanto os mais diligentes, como os mais remissos correrem a toda a pressa, a fim de escolher os logares mais favoraveis para verem as justas.

Os marechaes do torneio chegaram depressa, acompanhados dos reis d'armas. a fim de receberem os nomes dos cavalleiros, que se apresentassem para entrar na liça, e perguntar-lhes debaixo de que bandeira se queriam alistar. Esta precaução era necessaria, a fim de estabelecer alguma igualdade entre os dous corpos, que deviam ser oppostos um ao outro.

Exigia o uso que o vencedor do ultimo torneio fosse o chefe d'uma das duas tropas. O cavalleiro desherdado foi por conseguinte escolhido para commandar um corpo, em vez de que o outro devia ficar debaixo das ordens de Briau de Bois-Guilbert, que, abaixo d'elle, obtivera maior gloria na vespera. Os que no dia anterior tinham estado com Brian de Bois-Guilbert alistaram-se naturalmente do seu lado á excepção com tudo de Ralph de Vipont, a quem a queda pôz fóra do estado de se cobrir tão cedo com a armadura. Não faltaram nobres candidatos que viessem combater quer por um, quer por outro chefe.

(*Continúa.*)

CORREIO DE LISBOA

8 DE JUNHO DE 1888.

Inaugurou-se hontem a exposição industrial e agricola de Lisboa, grandiosa festa e proveitoso certamen do trabalho nacional, promovido e realisado pela corajosa iniciativa d'alguns benemeritos, que felizmente encontraram nos industriaes e agricultores do paiz um dedicado auxilio, que dá testemunho da sua illustração.

No acto da inauguração, o illustre presidente da direcção da *Associação Industrial Portugueza*, o sr. dr. João C. Melicio, leu um conceituoso discurso, que não me é possivel dal-o aqui na integra. N'elle agradeceu a alta distincção que Sua Magestade El-rei e toda a Familia Real tão magnanimamente lhes conferiu, honrando este acto com a sua presença. Disse mais que sendo Sua Magestade monarcha esclarecido, portuguez de boa lei e muito ardentemente devotado ao engrandecimento da patria, tem sido tambem o primeiro e mais sollicito protector da industria, do comercio e da agricultura.

Sua Magestade El-rei dignou-se responder, em poucas mas conceituosissimas palavras. Disse que folgava de que o primeiro acto publico, a que assistia depois da sua doença, fosse a inauguração d'aquella exposição, em que via unidas n'um fraternal amplexo a industria e a agricultura, as duas grandes fontes de riquezas e venturas para o paiz. Folgava tambem por ter ensejo de virificar, n'aquella lusida representação do trabalho nacional, quaes eram as industrias que podiam viver por si e quaes as que precisavam protecção para se desenvolverem. Tinha no maior apreço os serviços prestados pela Associação Industrial Portugueza, e affiançava-lhe, bem como a todos os trabalhadores portuguezes, a sua cordeal sympathia, fazendo votos pela prosperidade de todos.

Em seguida, declarou aberta a sesão.

Desde manhã cedo que começaram a affluir os convidados, e ainda não tinham batido 9 horas já o salão D. Luiz estava apinhado de senhoras. N'este salão, onde está collocada a secção de Bellas Artes, foi armado um grande docel de veludo carmezim, com bandas de veludo vermelho lavrado, sob o qual foram collocadas, em um estrado de varios planos, as cadeiras para a familia real. Successivamente; foram chegando á exposição: uma força de marinheiros com a respectiva banda, o regimento de caçadores 2, que, conjunctamente com os marinheiros, fez a guarda de honra, e os batalhões municipaes, com duas bandas de musica, que formaram em alas pelas escadas do corpo central e por toda a extensão dentro das salas d'esse corpo que tinha de ser percorrida por Suas Magestades.

A's 9 horas chegou o principe D. Carlos, que se demorou na secção agricola; continuando a affluencia de convidados, entre os quaes pudemos contar todo o ministerio, conselheiros directores geraes da industria e da agricultura, governador civil, general da divisão, commandante das guardas municipaes, presidente da camara municipal, deputados, pares do reino, etc. A's nove e meia as musicas tocaram o hymno. Era a chegada do sr. infante D. Augusto. Sua Alteza o principe real incorporou-se na grande commissão executiva, e foi postar-se ao baixo da escadaria afim de ali esperar Sua Magestade El-rei. Chega logo o sr. Cardeal Patriarcha, que sóbe a grande escada, ao som do hymno real, por entre as alas dos alumnos municipaes, que lhe apresentam armas, e a quem elle retribue a continencia, distribuindo bençãos. S. Eminencia desce pouco depois, e vem incorporar-se no cortejo que esperava El-rei.

Pouco antes das dez horas, o som do hymno real, o estalar das girandolas e a gritaria dos vivas annuncia a chegada de El-Rei, de S. M. a Rainha e da Princeza D. Amelia e Infante D. Affonso, em *landaus* descobertos, acompanhados dos seus camaristas, damas d'honor e ajudantes. El-Rei vem vestido de generalissimo, de capacete, mas reserva o bonet do pequeno uniforme para depois da solemnidade. Vem um pouco abatido, mas desce do trem sem apoio extranho, abraça e beija o principe, e sóbe com passo firme a escada, seguido do prestito. A' entrada na sala é acclamado, e tomando logar sob o docel, ouve o discurso do sr. João Chrisostomo Melicio, a que respondeu, como já acima dissémos. Quando S. M. começou a fallar a sua voz era fraca, mas entendia-se perfeitamente, depois a voz reforçou e o pequeno discurso impressionou agradavelmente a todos os que o ouviram, repetindo-se, terminado elle, os vivas. Ao declarar Sua Magestade aberta a Exposição, uma orchestra e banda reunida, sob a regencia do maestro Freitas Gazul, rompeu com a grande marcha triumphal do mesmo maestro, expressamente escripta a pedido da commissão executiva para esta solemnidade.

Depois abrem-se as alas, e por diante de S. M. começam a desfilar deputações de todas as fabricas do paiz, e dentro em pouco creanças, operarios e operarias tinham depositado em frente de S. M. a Rainha mais de cincoenta ramos, uns de flôres naturaes e outros artificiaes, ornados de fitas mais ou menos ricas, mas que Sua Magestade recebeu com o mesmo sorriso de bondade e egual gesto de agradecimento. Terminado o cortejo dos operarios, cuja marcha abria o pendão das créches de Xabregas, levado por uma criança, e era fechado,—coincidencia graciosa!—por um velho sobre cujo peito avermelhava a cruz de Christo, Suas Magestades levantaram-se, renovaram-se os vivas, e a grande orchestra tocou o hymno da Carta.

Tendo Suas Magestades tomado assento na carruagem, a direcção da commissão executiva collocou dentro d'ella os ramos offerecidos, mas tantos eram que, completamente ornada a carruagem real, ainda ficaram muitos para as do resto da comitiva. Sua Magestade, tinha á saida a physionomia mais animada do que quando entrara, declarando que n'outra occasião, com mais vagar e mais á vontade, iria fazer a visita das instalações. Foi o principe D. Carlos quem, em companhia da commissão executiva, fez a visita inaugural da exposição.

Durante o dia a concorrencia foi enorme. No recinto da exposição, no coreto da secção agricola tocava a philarmonica de Caneças.

Todos os pavilhões estão embandeirados, bem como as ruas lateraes da Avenida.

—«Apezar d'alguns jornaes auctorisados dizerem que é quasi certa a prorogação das côrtes, e ainda depois outra se fôr precisa, continuamos a acreditar que a sessão legislativa não passará do dia 16 do corrente, e fiamos que o tino e a prudencia do sr. presidente do conselho hão de tornar exacta a nossa previsão. Quem prorogar as côrtes correrá o risco de assumir responsabilidades graves. E depois, já basta de complicações, de conflictos, de enredos, de intrigas, de mal estar moral. A politica precisa de socego e descanço.» Diz isto um auctorisado collega e correligionario nosso. Apesar d'isso, parece fóra de duvida que em conselho de ministros se votou a prorogação até ao fim do mez—pois que é urgente que passem, além d'outros, o projecto sobre a rede de caminhos de ferro, propostos pelo sr. ministro das obras publicas.

—Na camarados deputados, de ante-hontem, o nobre presidente do conselho fez algumas considerações, que tambem parecem denotar que as côrtes não serão prorogadas. Segundo o extracto do *Reporter*, s. ex.ª disse:

Agora quero referir-me aos termos em bue o sr. Arroyo protestou contra a apresentação de propostas importantes á ultima hora, e contra os debates de afogadilho que o governo quer impôr á camara. O governo não quer por fórma alguma que a camara tome deliberações precipitadas, e o facto de elle apresentar propostas n'esta altura não significa por modo algum que o governo as deseje já discutidas e approvadas, mas sim que chame para esses assumptos a attenção do parlamento afim d'elle os considerar opportunamente. *(Apoiados)*. Eu vou mais longe, sr. presidente; eu não tenho duvida em propôr um accôrdo publico á opposição, um accordo honroso para todos, por meio do qual, ficando o gabinete habilitado com os meios indispensaveis para governar, possa encerrar-se a sessão legislativa dentro da prorogação que está cerrendo. *(Muitos apoiados)*. Propondo esse accôrdo, dou prova da minha boa fé e da minha lealdade, e de que não tenho o minimo proposito de levar de assalto o fazer votar de afogadilho propostas importantes, que requerem maduro exame. *(Apoiados)*.

— O projecto para a remissão dos mancebos de 1887 por 50$000 reis já tem parecer favoravel das commissões de guerra e fazenda e é votado naturalmente ámanhã. E' mais um beneficio que o publico fica devendo ao illustre deputado por Ovar. E como a s. ex.ª nada esquece do que póde ser de interesse para o paiz, o talentoso representante do povo apresentou em uma das sessões proximas outro projecto d'alta importancia sobre o qual na sessão de hontem o sr. Ravasco, deputado da opposição, disse «que instava com a commissão de fazenda para dar parecer sobre o projecto do sr. Barbosa de Magalhães, isentando por 20 annos de contribuição predial, os pousios, os baldios, os ter
roubados ás mar
essa medida repres
neficio para a agric
até á opposição os pr
bosa de Magalhães, d
publica elles são.

O sr. Barbosa de M tambem fallou na sessão de hontem e largamente sobre a conveniencia de fazer entrar na projectada rede dos caminhos de ferro d'além do Mondego a linha do Valle do Vouga, que tantas conveniencias publicas encerra. N'esta parte o illustre deputado juntou os seus esforços aos do sr. Bandeira de Mello, que havia fallado no mesmo sentido.

S. ex.ª apresentou hontem mais dois projectos de lei—um fixando em 260$ reis o ordenado annual do thesoureiro da universidade; e outro criando no concelho de Bouças um officio de tabellião de notas. Estes projectos estão tambem assignados pelo illustre deputado por Coimbra, o sr. Castro Mattoso.

Y.

—

A' ultima hora.—As camaras encerram-se effectivamente no dia 16. Foi a resolução tomada em conselho de ministros—resolução que tem o consenso geral.

— Vae para ahi conductor o sr. engenheiro Portella, d'Agueda.

— A saude do imperador do Brazil parece melhorar de dia para dia. Não corre do mesmo modo a saude do imperador da Allemanha, que não tem passado bem nos ultimos dias.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ARREMATAÇAO

A Commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, deliberou arrematar para o hospital o fornecimento dos seguintes generos, a começar no dia 1 de julho e a terminar em 31 de dezembro de 1888:

Carne de vacca.	Assucar branco.
Forçura.	Assucar louro.
Toucinho.	Chá hysson de 2.ª
Pingue.	Café moido de 2.ª
Leite de vacca.	Batata.
Bacalhau inglez.	Feijão.
Azeite d'oliveira.	Pão de trigo.
Vinagre.	Arroz nacional.
	Petroleo.

A arrematação deve verificar-se no dia 16 do corrente mez na Sala do Despacho da mesma Santa Casa, pelas 12 horas do dia.

As propostas deverão ser em carta fechada, e só serão admittidas as que contiverem preços determinados, tendo só logar a licitação verbal quando os preços inferiores sejam iguaes.

As condicções da arrematação acham-se desde já em poder do respectivo cartorario.

Aveiro, 6 de Junho de 1888.

O Escrivão,
Padre, Manuel Ferreira Pinto de Souza.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE, INSOMNIA, CRISES NERVOSAS pelo XAROPE do Dr FORGET. Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. pelo CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

EDITOS DE 30 DIAS

NA comarca de Aveiro e cartorio do escrivão Nogueira Junior, correm editos de trinta dias no inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Joaquim de Pinho, casado, do logar de Nariz, da que é cabeça de casal Joaquina Feijoa, do dito logar, citando para todos os termos do dito inventario até final os interessados ausentes em parte incerta Feleciano Marques Pereira e mulher, Francisco Marques Pereira e mulher, Jeronymo Marques Pereira e mulher, João Marques Pereira e mulher, Maria do Rosario, Maria Thereza e Guilhermina, estas solteiras de maior edade, todos sobrinhos de Clara Vieira e filhos de Jeronymo Marques d'Oliveira, já fallecidos; Joaquim Marques Pereira, solteiro, de maior edade, sobrinho da dita Clara Vieira e filho de José Marques Pereira, já fallecido; e João de Barros, solteiro de maior edade, sobrinho da dita Clara Vieira e filho de Maria Pereira, ja fallecida.

O Escrivão Substituto
Fernando Ribeiro Nogueira Jvnior.
Verefiquei—*Castello Branco.*

As pessôas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de Saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei *com a Revalesciére du Barry uma refeição* para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

—

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Mouthonis.»

—

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

É APROVEITAR

FATOS COMPLETOS DE FAZENDA

NOVIDADE, PURA LÃ

A 6$500!!

A Casa Leão d'ouro—Coimbra—rua de Ferreira Borges, n.os 121 a 127—acaba de chegar um importante e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, da mais alta novidade, para a presente estação, proprias para factos completos ou qualquer roupa para homem ou creança; podendo ficar os fatos feitos desde o preço 6$500!!

O proprietario d'esta casa incumbe-se de os mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, responsabilisando-se sempre pelo seu bom acabamento, assim como por toda e qualquer confecção para homem e creança.

Tambem chegou á mesma casa uma grande variedade de flanellas para camisas, e bem assim uma boa collecção de chapeus de palha para homem e creança; e tambem continua a ter bom sortimento dos de feltro.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

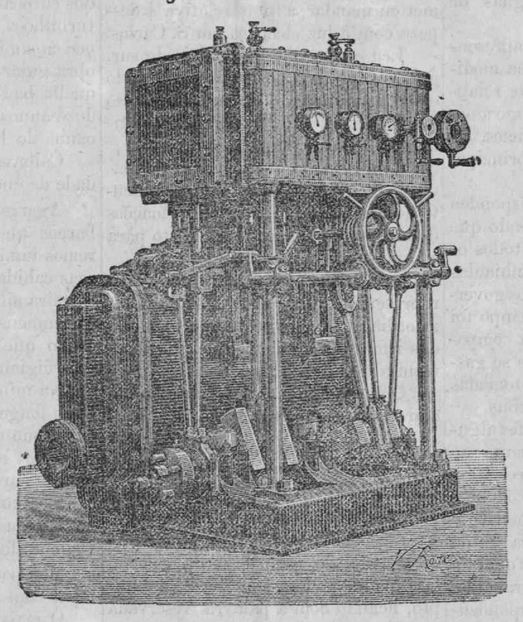
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua do Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS, VIRUS, ULCERAS pelo DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHEA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. pelo CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phas.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

FABRICA DE MOAGEM DO BOM SUCCESSO

DE

REIS & RAMIRES

Farinha de trigo superfina. Flor	.....	84 rs.	por kilogramma
» » fina n.º 1	.....	83 rs.	» »
» » » » 2	.....	82 rs.	» »
» » » » 3	.....	81 rs.	» »
» » » » 4	.....	80 rs.	» »
» » » » 5	.....	78 rs.	» »
» » » » 6	.....	76 rs.	» »
» » » » 7	.....	74 rs.	» »
Cabecinha	.....	54 rs.	» »
Semea superfina	.....	32 rs.	» »
» fina	.....	28 rs.	» »
» entrefina	.....	26 rs.	» »
» grossa	.....	22 rs.	» »
Alimpadura	.....	20 rs.	» »

Farinha superfina, posta a bordo de 7$700 a 8$500 a barrica

Recebem-se encommendas na fabrica ou no escriptorio

RUA DA ALFANDEGA, 108, 1.º, ESQUERDO

LISBOA

As qualidades distinguem-se pelos seguintes signaes nas saccas:

Farinha superfina flor. Flor	Farinha fina n.º 6—fita preta
» fina n.º 1—fita branca	» » n.º 7— » preta e riscada
» » n.º 2— » » e rosa	Semea superfina —fita branca
» » n.º 3— » cor de rosa	» fina—fita rosa
» » n.º 4— » riscada	» entrefina—fita riscada
» » n.º 5— » rosa e preta	» grossa—fita preta

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA **CARNE**

CARNE, FERRO e QUINA!! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas e cutaneo-hathicas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e puresa do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.

Venda por grosso, em Paris, na Pharm.ª de J. FERRÉ, r. Richelieu, 102. Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO ESTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

Curso completo de francez

HENRIQUE da Cunha lecciona francez na sua casa da rua dos Tavares todas as noites desde as 7 ás 9, por preços razoaveis.

Ensina pelos novos methodos a fallar e escrever.

Para os artistas ha tambem leccionação apreços convencionaes.

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS PATERSON (Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Azotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Réis. — PÓS: 1,200 Réis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

ANNUNCIO

Trabalhos de construcção das escolas e repartição telegrapho-postal de Luso

A Direcção das Obras Publicas do districto de Aveiro, faz publico que recebe propostas até ao dia 12 do proximo mez de junho, para o fornecimento de 50 metros cubicos de madeira petch-pine e 20 metros cubicos de flandres, posta na estação de Santa Apolonia ou na de Campanhã. A madeira será de boa qualidade e com as dimensões que forem dadas.

Aveiro, 30 de maio de 1888.

O engenheiro director
Casimiro d'A. de Souza Menezes.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Manuel Pinheiro Chagas

O Abbade Constantino, 1 volume..... 700

Manuel B. Branco

El-rei D. Manuel..... 700

D. Albertina Paraizo

Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888..... 240

D. Guiomar Torrezão

Almanach das Senhoras, para 1888... 240

Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888..... 200

Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888..... 200

Almanach Illustrado, por F. Pastor... 200

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98 —Porto.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO